

ITALIAMIGA



Arte, Design, Literatura



Ano 27 - Junho 2021

Edições: ITALIAMIGA®

ITALIAMIGA

Arte, Design, Literatura

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Edoardo Pacelli, nº 129, OJB-RJ.

DESIGNER GRÁFICO
Edoardo Pacelli

CONSELHO ACADÊMICO
Antonio Olinto, in memória
Geraldo França de Lima, in memória
Gilberto Ramos
Lorenzo Matteoli

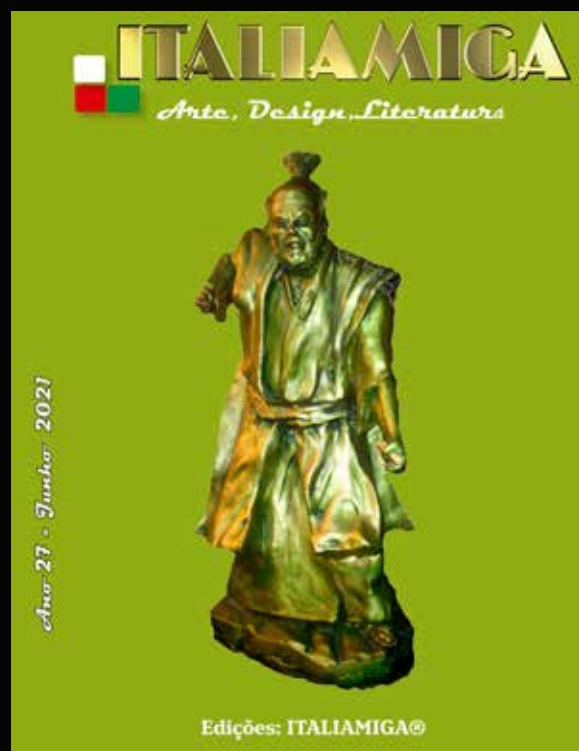
COLABORAÇÃO:
Carlos Brandão, in memoria
Eunice Khoury Pacelli
Vera Figueredo dos Santos
Ana Félix Garjan
Elena Squarci

CORRESPONDENTES:
Da Itália: Ana Claudia Barbuda
Luciano Frattari
Da Austrália: Lorenzo Matteoli
De Londres: Lady Grácia Balfour

FOTOGRAFIAS
Luciano Frattari
Edoardo Pacelli
Eunice Khoury Pacelli
Lorenzo Matteoli
Os autores convidados

CARTAS
E-mail editor@italiamiga.com.br.
Avenida Atlântica, 1558/801
22021-000 Copacabana (RJ)

*In copertina: Miyamoto Musashi di Paco de Assis
Na capa: Miyamoto Musashi de Paco de Assis*



italiamiga junho de 2021

il sommario

pagina 3
Sumário

página 5
Apresentação

página 7
As Artes Plásticas

página 8
Manuel Olivares

página 20
Paco de Assis

página 30
A Arte da
Fotografia

página 32
Germano Vidal

página 46
A Arte da Literatura

pagina 48
Adriana Gavião Giugni

O sumário

pagina 54
A Arte do Cinema

pagina 58
Diana Galvão e Pinocchio

pagina 62
A História da Arte

pagina 64
Elena Squarci

pagina 72
A Arte do Teatro

pagina 76
Fernanda Montenegro

pagina 80
A Arte nos Museus

pagina 82
Canova na Rússia



l'editoriale

Care lettrici e gentili lettori!



Siamo arrivati a dieci edizioni della rivista ITALIAMIGA® on line. Con il numero di giugno presentiamo il famoso pittore napoletano, Manuel Olivaresa, le sculture di Paco de Assis, la scrittrice e poetessa Adriana Gavião Giugni, oltre all'eccellente fotografo, Germano Vidal. Elena Squarci ci presenta Canova e la sua Paolina Borghese, mentre, per il teatro, ecco una nuova intervista all'attrice Fernanda Montenegro. Chiudiamo ancora con Canova, nel Museo Ermitage, a San Pietroburgo.

• Queridas leitoras
• e gentis leitores!

• Chegamos a dez edições da revista online ITALIAMIGA®. Neste número de junho apresentamos o famoso pintor napolitano, Manuel Olivaresa, as interessantes esculturas de Paco de Assis, a escritora e poetisa Adriana Gavião Giugni, além do eclético fotógrafo, Germano Vidal. Elena Squarci nos apresenta Canova e sua Paolina Borghese; quanto ao teatro, aqui está uma nova entrevista com a atriz Fernanda Montenegro. Encerramos, novamente, com a escultura de Canova, no Museu Hermitage, em São Petersburgo.



Il Galata suicida, Roma, Museo Nazionale Romano di Palazzo Altemps – O Galata suicida, Roma, Museo Nazionale Romano di Palazzo Altemps



As Artes Plásticas Le Arti Plastiche

A Pintura La pittura

Quem é Manuel Olivares Chi è Manuel Olivares



David Hume nos ensina que a beleza não é inerente como propriedade de um objeto, mas como estado perceptivo do sujeito que o olha. Podemos resumir esse conceito na fórmula “a beleza está nos olhos de quem a observa”. Temos que contemplar a beleza, portanto, não como uma propriedade inserida na coisa, mas como estado subjetivo de percepção do prazer. Isto que a beleza é uma percepção pura, ela não pode ser determinada e confinada em medidas e formas definidas. E aqui a beleza é percebida como um equilíbrio perfeito entre a harmonia interna e externa.

Edoardo Pacelli

David Hume ci insegna che la bellezza non è insita come proprietà di un oggetto, bensì come uno stato percettivo del soggetto che lo guarda. Possiamo riassumere tale concetto nella formula “il bello è negli occhi di chi lo osserva”. Dobbiamo contemplare il Bello, pertanto, non come una proprietà inserita nella cosa, ma come stato soggettivo di percezione del piacere. Essendo la bellezza una pura percezione, la stessa non può essere determinata e confinata entro misure e forme definite. Ed ecco che la bellezza viene percepita come un perfetto equilibrio di armonia interiore ed esteriore.

Edoardo Pacelli

Manuel nos confia

“Em algumas das minhas últimas obras, trabalhei com o conceito de beleza e com o quanto isso é condicionado pelo significado que atribuímos a objetos ou contextos individuais. Optei por representar, sobre diferentes monturos de lixo, diferentes objetos: uma lata esmagada sobre um plástico verde, em outro, uma simples bola de futebol. Escrevi um texto muito curto que visa destacar, como o posicionamento das coisas muda nosso julgamento sobre elas: um aterro sanitário pintado e concebido de forma totalmente diferente de um aterro real...

O que quero enfatizar é, portanto, o quanto a beleza é indiferente aos nossos conceitos e significados.

“Bastaria afastar-se do “sentido” das coisas, da ordem estabelecida, para compreender que a beleza está em toda parte. O motor do mundo não conhece o bom e o mau, o útil e o inútil, não serve a você, mas, silenciosamente, se serve de você ... Longe de ser banal!”

Manuel ci confida

“Ho lavorato, in alcuni dei miei ultimi lavori, sul concetto di bellezza e su quanto questo sia condizionato dal significato che diamo ai singoli oggetti o contesti. Ho scelto di rappresentare in un caso dei rifiuti e in un altro un singolo oggetto (una lattina schiacciata su un tavolo di plastica verde) in un altro un banalissimo pallone supersantos. Ho scritto un brevissimo testo che punta ad evidenziare quanto la collocazione delle cose muti il nostro giudizio su di esse. Una discarica dipinta e concepita in maniera totalmente diversa da una discarica vera... quello che intendo sottolineare è quanto, quindi, la bellezza sia indifferente ai nostri significati.

Basterebbe allontanarsi un po’ dal “significato” delle cose, dall’ordine costituito, per capire che la bellezza è ovunque. Motore del mondo non conosce il bene e il male, l’utile e l’inutile, non ti serve ma silenziosamente si serve di te... Altro che banale!”



Don't look 1º, OST, Foto Studio



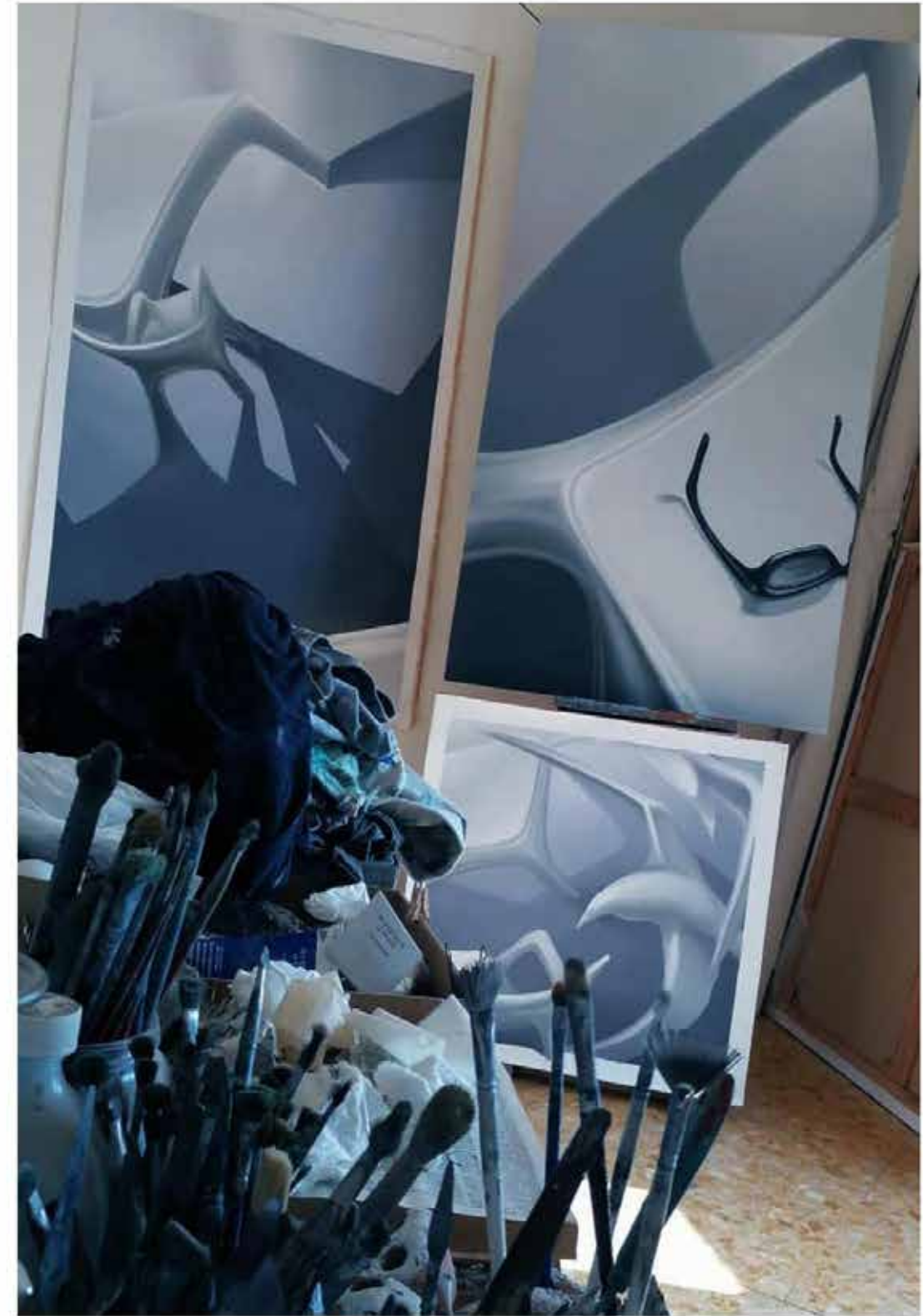
Don't look, OST, 2021, 166,5x88 cm



Plastic game, OST, 2007, 210x200 cm



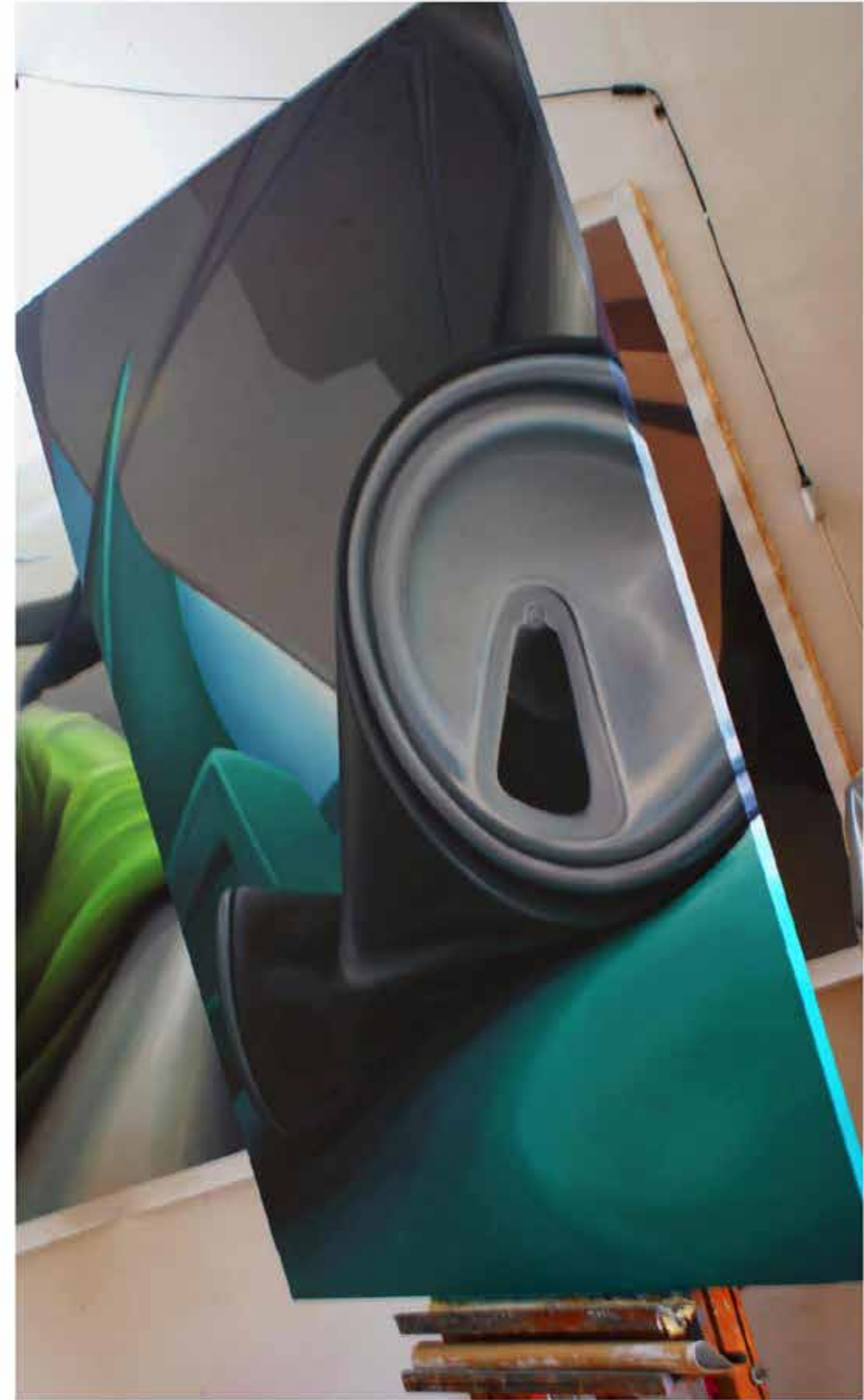
Out of the Trash 2°, 2021, OST, 157x205 cm



Out of the Trash 2°, 2021, OST, Foto Studio



Out of the Trash 1°, OST, 104x150 cm



Out of the Trash 1°, OST, 104x150 cm, Foto Studio



Don't look 1°, OST, Dittico, 100x180 cm per singolo



Soccer Ball, OST, 64x2012 cm



Paolina Bonaparte, Canova - Galleria Borghese, Roma

As Artes Plásticas Le Arti Plastiche

A Escultura - La Scultura

Quem é Paco de Assis Chi è Paco de Assis



Francisco de Assis dos Santos – Paco de Assis
- Nascido em 19 de maio de 1962, São Paulo/SP – Brasil.

Formou-se na área de negócios, porém, boa parte do seu tempo é dedicada à arte, trabalhando com ênfase em anatomia humana na década de 90 com orientação de Marcos Garrot e José Antonio van Acker - (1931-2000).

Ministrou cursos para particulares e indústrias voltadas para arte sacra.

Atualmente, mantém em andamento uma série de esculturas para sua exposição individual que será inaugurada em 2022.

Paco de Assis, atua no mercado de arte, também, com mentor de artistas plásticos por intermédio da *Cia Arte Cultura*, empresa de marketing artístico, no mercado há 18 anos realizando planos de carreira, com exposições coletivas, individuais, congressos, salões de arte e outras ações para inserção de profissionais no mercado de arte

É presidente do SINAP-ESP – Sindicato Nacional dos Artistas Plásticos – AIAP International Association of Arte/UNESCO e Membro Honorário da ABD – Associação Brasileira de Desenho e Artes Visuais (RJ) – Perito Técnico do Ministério da Cultura – Membro da ALALS – Académie de Lettres et Arts Luso-Suisse.

Francisco de Assis dos Santos – Paco de Assis
– Nato il 19 maggio 1962, São Paulo/SP – Brasile.

Si è laureato nell'area commerciale, tuttavia, gran parte del suo tempo è dedicato all'arte; ha lavorato con enfasi sull'anatomia umana, negli anni '90, sotto la guida di Marcos Garrot e José Antonio van Acker - (1931-2000).

Mantiene corsi per privati e industrie focalizzate sull'arte sacra.

Attualmente, ha in corso una serie di sculture per la sua mostra personale, che aprirà nel 2022.

Paco de Assis, opera anche nel mercato dell'arte, come mentore di artisti plastici, attraverso la Cia Arte Cultura, società di marketing artistico, sul mercato da 18 anni, realizzando piani di carriera, con mostre collettive e individuali, congressi, saloni d'arte e altre azioni per inserire professionisti nel mercato dell'arte

È presidente di SINAP-ESP – National Union of Plastic Artists – AIAP International Association of Art/UNESCO e Membro Onorario di ABD – Brazilian Association of Drawing and Visual Arts (RJ) – Esperto tecnico del Ministero della Cultura – Membro di ALALS – Académie de Lettres et Arts Luso-Suisse.



Sem título, cerâmica 25x15x20 cm - Senza titolo, ceramica



*Sem título, bronze 20x30x10 cm -
Senza titolo, bronzo*

*Sem título, bronze 18x15x10 cm -
Senza titolo, bronzo*





Volúpia II, 35x10x10 cm, resina com tinta automotiva



Volúpia II, 35x15x10 cm, resina com pó de mármore



Volúpia III, 20x5x5cm, bronze - bronzo



Sem título, bronze, 20x108x8 cm - Senza titolo, bronzo



Sem título, 35x25x15 cm, resina com pó de mármore - Senza titolo, resina con polvere di marmo



*Miyamoto Musashi, 60x30x40 cm,
resina patinada -
Miyamoto Musashi, resina patinata*



A ARTE NA FOTOGRAFIA L'ARTE NELLA FOTOGRAFIA

Quem é Germano Vidal

Chi è Germano Vidal



O arquiteto e urbanista Germano Vidal é um homem eclético, amante das viagens e da aventura. Profundo conhecedor do Brasil, alterna incursões pelas mais evocativas plagas de sua terra, com viagens ao exterior e é justamente de uma de suas viagens à Itália, na região da Ligúria, chamada Cinco Terras (5 Terre), que enviou para ITALIAMIGA as imagens deste lugar, acessível, apenas, por barco ou trem. As 5 Terre são compostas por cinco municípios e, juntamente, com as localidades de Porto Venere e outras ilhas, foram declaradas Patrimônio da Humanidade, pela Unesco, em 1997. A principal característica é o relevo montanhoso elaborado pelos habitantes em terraços, técnica utilizada para aproveitar ao máximo os terrenos de forte declive.

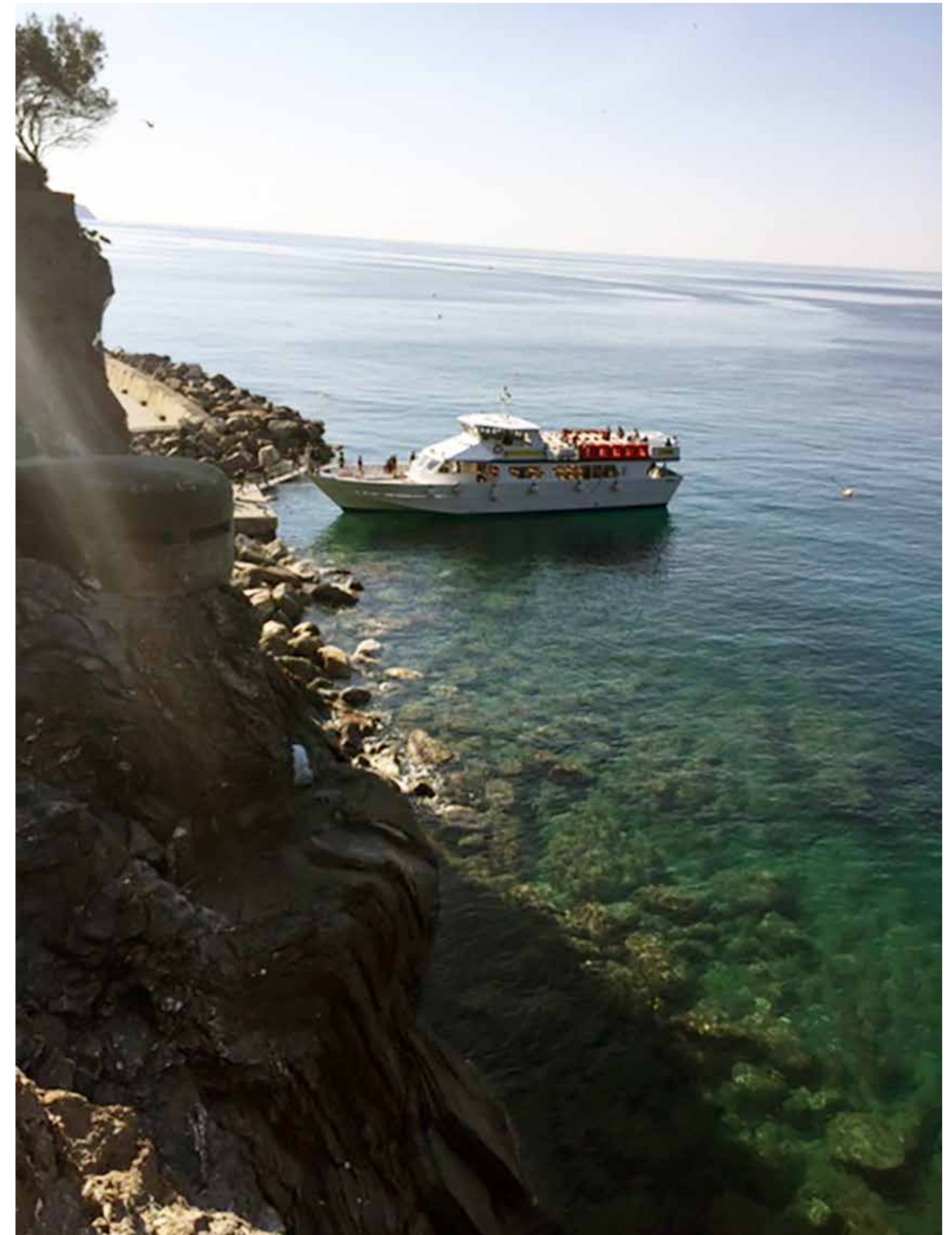
Architetto, urbanista Germano Vidal è un uomo eclettico, amante dei viaggi e della avventura. Profondo conoscitore del Brasile, alterna alle incursioni nei territori più suggestivi della sua terra, i viaggi all'estero ed è proprio da uno dei suoi viaggi in Italia, nella regione ligure chiama 5 Terre, che ha inviato ad ITALIAMIGA, le immagini di questo luogo nel quale si giunge, solamente, con la barca o con il treno. Le 5 Terre sono formate da cinque comuni e, insieme alle località di Porto Venere e altre isole, sono state dichiarate dall'Unesco, nel 1997, Patrimonio dell'Umanità. Caratteristica principale, il rilievo montagnoso lavorato a terrazze, una tecnica utilizzata per sfruttare al massimo il terreno fortemente inclinato.

Que tal um passeio pelas 5 Terras?

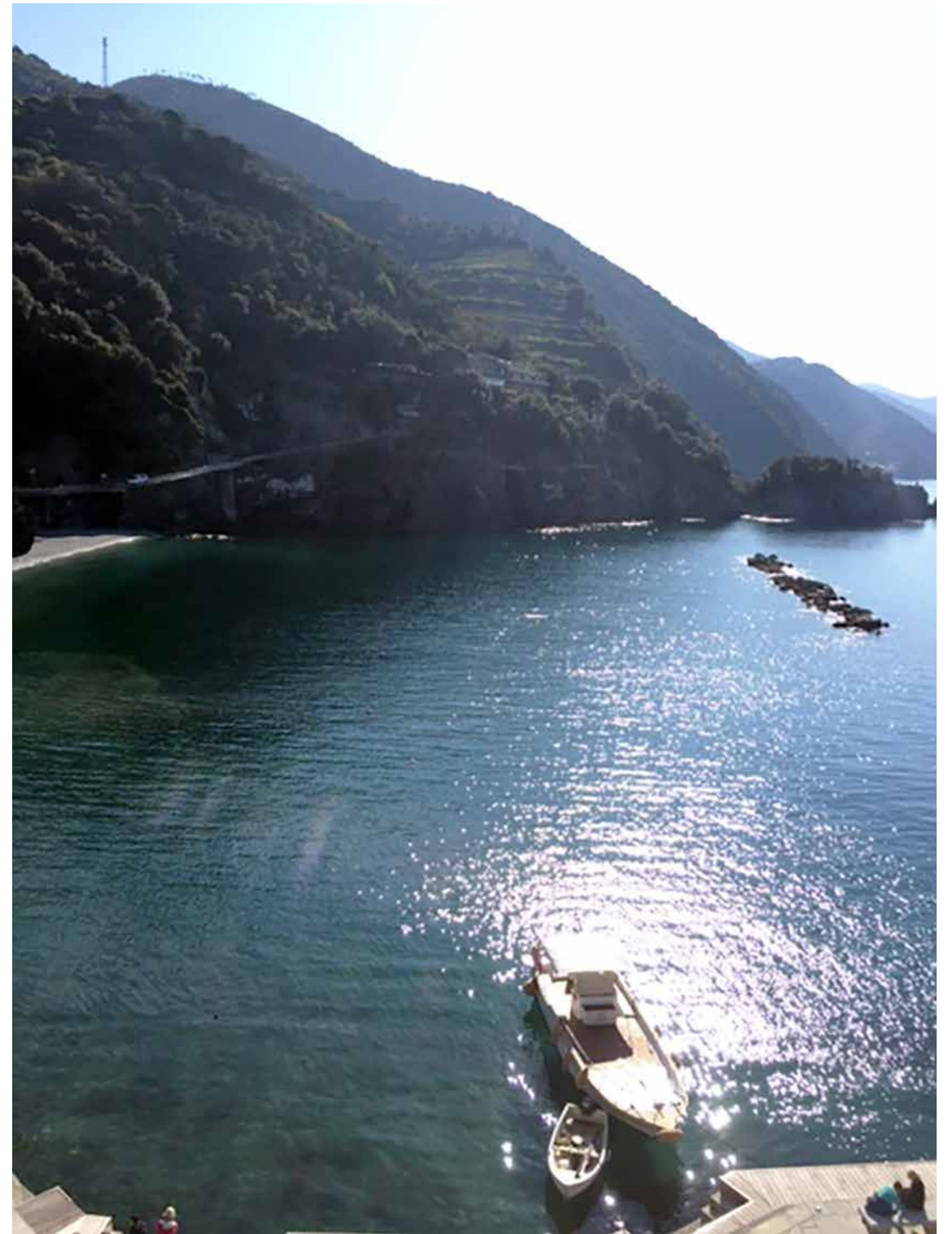


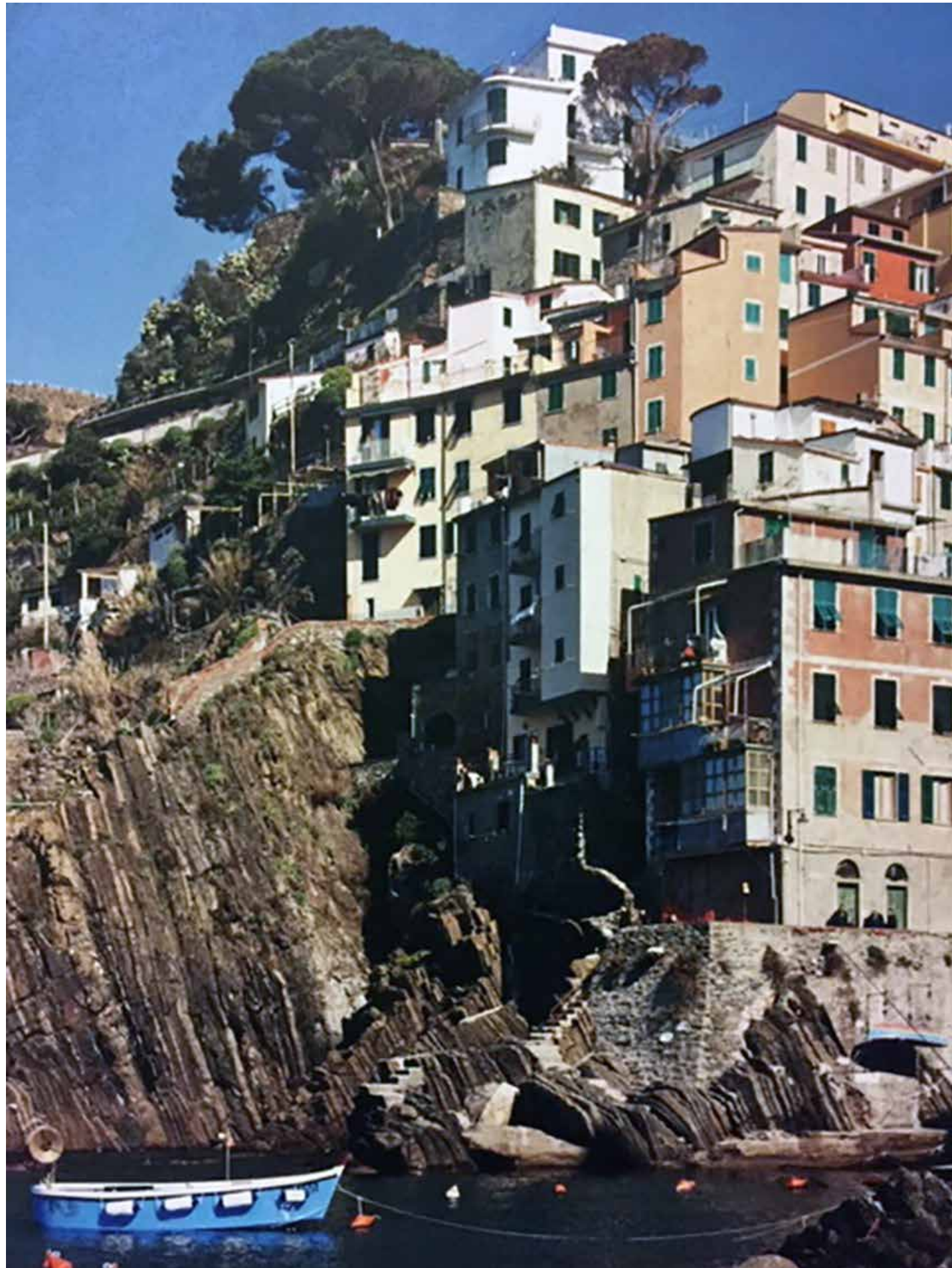
Lugar acessível apenas por trem ou por barco - *Qui si giunge, solamente, con il treno o con la barca.*

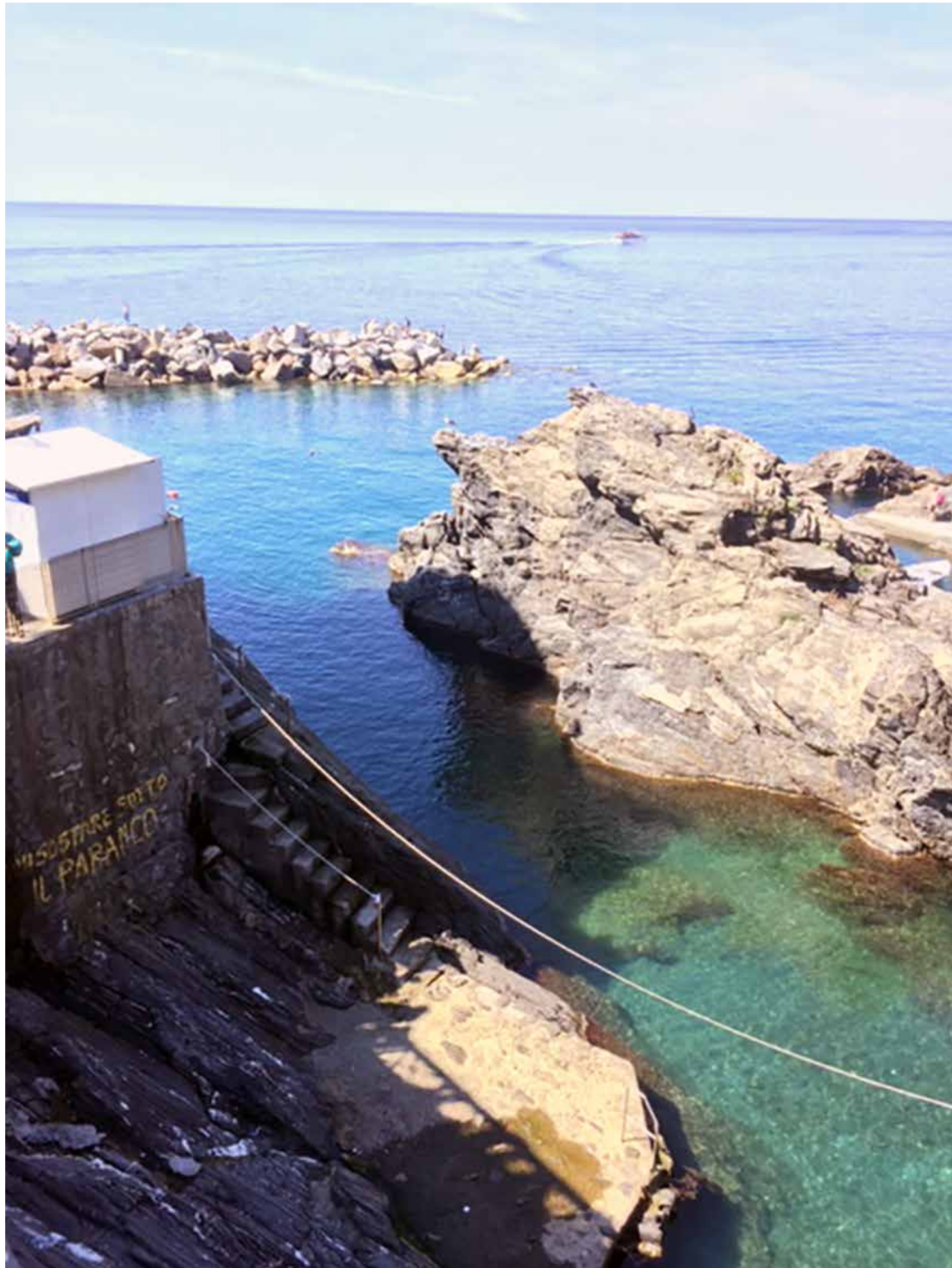
Che ne dite di un giro per le 5 Terre?













Daqui partimos, apenas, de trem ou de barco – Da qui si riparte, appena, col treno o con la barca



A ARTE NA LITERATURA L'ARTE NELLA LETTERATURA

Quem é Adriana Gavião Giugni

Chi è Adriana Gavião Giugni



Nasceu em Belo Horizonte – MG, filha do Cel. PMMG Zohyr Piedade Gavião e da Bióloga Mari-za Assunção de Jesus Laender Gavião. Diplomada em Turismo e pós-graduada em Gestão Estratégica em Recursos Humanos. Participou do Curso de Planejamento Político e Estratégico da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra MG. Participou de estudos técnico-científicos na Amazônia Brasileira sobre prospecção petrolífera e de gás natural, e de segurança e geopolítica no Comando Militar da Amazônia e Batalhão de Guerra na Selva. É viúva do Professor Norman José de Andrade Giugni. Proferiu palestras para o Corpo Clínico, Enfermagem, Fisioterapia e Administrativo do BIOCOR Instituto, sobre o tema “A Arte da Boa Convivência”. É Titular da Cadeira 9 da Arcádia de Minas Gerais e Titular da Cadeira 59 da Academia de Letras João Guimarães Rosa da PMMG. Publicou, em 2015 o livro de poesias “Flores em meu caminho”. Em 2016 recebeu a Carta Patente do World President do WPO/ONU com Protocolo de Paris, tornando-se Comendadora Humanitária da Paz.

È nata a Belo Horizonte – Minas Gerais. Laureata in Turismo e post-laurea in Gestione Strategica delle Risorse Umane. Ha partecipato al Corso di Pianificazione Politica e Strategica dell'Associazione dei Laureati della Scuola Superiore di Guerra, MG. Ha partecipato a studi tecnico-scientifici nell'Amazzonia brasiliana, sulla prospezione di petrolio e gas naturale e sulla sicurezza e geopolitica presso il Comando Militare dell'Amazzonia e il Battaglione di Guerra nella Giungla. È vedova del professor Norman José de Andrade Giugni. Ha tenuto lezioni al personale clinico, infermieristico, fisioterapico e amministrativo dell'Istituto BIOCOR, sul tema “L'arte del buon vivere”. Titolare della cattedra 9 di Arcádia di Minas Gerais e titolare della cattedra 59 della Accademia di Lettere João Guimarães Rosa. Nel 2015 ha pubblicato il libro di poesie “Fiori sul mio cammino”. Nel 2016, ha ricevuto dal Presidente Mondiale WPO/ONU, con il Protocollo di Parigi, il titolo di Commendatore Umanitaria della Pace.

Temores

Madrugada congelante, cidade deserta.
Caminho vagaroso, subida fatigante.
Ouço vozes no vento, sutil sombra incerta.
Tolda o coração com um presságio apavorante.

O terreno úmido relembra o orvalho recente,
Caído manso, indiferente ao torpor urbano.
A lua assídua cumpre seu destino permanente.
O vento atormenta com seu gemido insano.

São lamentos intrínsecos das almas sofridas
Que ontem sangraram nessas ladeiras abastadas
E hoje lançam lamentos - vigoroso açoite.

Mas pouco importa às criaturas adormecidas.
Apáticas ao passado seguem abnegadas
Ao rude flagelo do tempo noite após noite.

Viajantes

Em nossa viagem neste planeta
Desconhecemos nosso destino
Mas a esperança latente
Permeia inerente instinto

Desejamos viagem tranquila
E permanente harmonia
Na bagagem muito amor
Com renovada alegria

Que a frieza e a amargura
Em nós não façam morada
Que a paz esteja presente
E a verdade não ignorada.

Uma vez embarcados de fato,
Não se controla o transporte -
Passageiros que somos nesta vida,
Só desembarcamos com a morte.

Timori

*Alba gelata, città deserta.
Percorso lento, salita faticosa.
Sento voci nel vento, sottile ombra incerta.
Offusca il cuore con un presagio terrificante.*

*Il terreno bagnato ricorda la recente rugiada,
Caduto docile, indifferente al torpore urbano.
L'assidua luna compie il suo permanente destino.
Il vento tormenta con il suo insano gemito.*

*Sono lamenti intrinseci di anime sofferenti
Che hanno insanguinato ieri questi ricchi pendii
E oggi emettono lamenti: frustate vigorose.*

*Ma importa poco alle creature addormentate.
Apatiche al passato seguono altruiste
La dura piaga del tempo notte dopo notte.*

Viaggiatori

*Nel nostro viaggio su questo pianeta
Non conosciamo il nostro destino
Ma speranza latente
Permea intrinsecamente l'istinto.*

*Desideriamo un sereno viaggio
E permanente armonia
Nel bagaglio tanto amore
Con rinnovata allegria.*

*Che non abitino in noi
Quella freddezza e quella amarezza
Che la pace sia presente
E la verità non venga ignorata.*

*Una volta imbarcati
Non si controlla il trasporto -
Siamo passeggeri in questa vita,
Sbarcheremo solo con la morte.*

Ciranda

Tranquila infância nas casas e seus quintais.
Bonecas e bolas, carrinhos e brincadeiras.
Passa-anel, danças e cantigas imemoriais.
Sem malícia: – alegria e inocência verdadeiras.
Suor e rosto vermelho. Cabelos desalinhados.
Hora de voltar. O corpo cansado queria brincar.
A mente, livre, percorria caminhos ilimitados.
O vigor era a essência tangível no ar.

O tempo passa, implacável.
Recordações se aninham no coração.
Sentimento, nostalgia palpável.
Alento nos instantes de solidão.

Meia-volta já não pode alvorecer
Volta-e-meia não despertará.
Apenas nuances ao entardecer...
Apenas a lembrança da ciranda ficará.

Desenho de Rosângela Borges



Ciranda*

*Infanzia pacifica nelle case e nei loro cortili.
Bambole e palline, carretti e giochi.
Scherzi, balli e canti immemorabili.
Nessuna malizia: – vera gioia e innocenza.
Sudore e viso arrossato. Capelli non allineati.
È ora di tornare indietro. Il corpo stanco voleva giocare.
La mente, libera, percorreva strade illimitate.
Il vigore era l'essenza tangibile nell'aria.*

*Il tempo passa, inesorabile.
I ricordi si annidano nel cuore.
Sensazione, palpabile nostalgia.
Respiro nei momenti di solitudine.*

*L'inversione di marcia non può più sorgere
Ogni tanto non si sveglierà.
Solo sfumature al tramonto...
Rimarrà solo il ricordo della ciranda.*

* Tipica danza dello stato di Pernambuco

Disegno di Rosângela Borges



“Cada fotograma que compõe um filme, seja ele de qualquer gênero ou bitola, preto e branco ou a cores, longa ou curta, traz gravado uma mensagem que atinge individualmente o cérebro de cada espectador que o assiste. E a mensagem, seja ela qual for, é mentalmente traduzida segundo as experiências de vida e os valores de cada pessoa que está assistindo ao filme. Individual e subliminarmente, o espectador “escolhe” os personagens para se identificar ou rejeitar, os aspectos da história que gratificam ou incomodam o seu subconsciente.”

(Carlos Augusto Brandão)

“Ogni fotogramma che compone un film, di qualsiasi genere o forma, in bianco e nero o a colori, lungo o corto, ha un messaggio registrato che raggiunge, individualmente, il cervello di ogni spettatore che lo guarda. E il messaggio, qualunque esso sia, viene tradotto mentalmente in base alle esperienze e ai valori della vita di ogni persona che sta guardando il film. Individualmente e sub liminalmente, lo spettatore “sceglie” i personaggi da identificare o rifiutare, gli aspetti della storia che gratificano o disturbano il suo subconscio.”

(Carlos Augusto Brandão)

**A ARTE
DO CINEMA**

**L'ARTE
DEL CINEMA**



Quem é Diana Galvão

Diana Galvão é escritora. Autora de “O pequeno jardineiro mágico/*The little magic gardner*”, editora Estação das Letras e Cores. Além de outras publicações e participações assinou o posfácio de “Viajando no design – Gilson Martins”, também da mesma editora. Tem formação em Literatura, Moda, Comunicação e Semiótica. É esteta, apaixonada por cores e decoração, e “cinéfila de carteirinha” quando existia um tempo em que a expressão fazia sentido.

dianagalvaox@gmail.com
@dianagalvao88

Chi è Diana Galvão

Diana Galvão è una scrittrice. Autrice di “Il piccolo giardinere magico/ The little magic gardner”, editore: Estação das Letras e Cores. Oltre ad altre pubblicazioni e partecipazioni, ha firmato la postfazione di “Viaggiando nel design – Gilson Martins”, sempre dello stesso editore. È formata in Letteratura, Moda, Comunicazione e Semiotica. È un'esteta, innamorata dei colori e delle decorazioni, e una "cinéfila patentata", quando un tempo questa espressione aveva un senso.

dianagalvaox@gmail.com
@dianagalvao88

Pinocchio do diretor Matteo Garrone

Comentário sobre o filme por Diana Galvão



Era uma vez o tronco de uma árvore. Um pinolo transformado em boneco através de Geppetto. Um carpinteiro solitário. Geppetto o esculpiu e o vestiu. E o chamou de Pinocchio – uma palavra típica do italiano falado na Toscana. Encantado com o boneco, capaz de falar e andar, o bom senhor Geppetto desejava amá-lo protegê-lo de todos os perigos da vida. Mas Pinocchio era curioso e travesso. Desobediente e ...mentiroso. Moral da história: o que Pinocchio aprende, depois de muitas peripécias (como vemos no slogan do filme), é: quanto maior a mentira mais sombra é a verdade.

Matteo Garrone, diretor premiado no circuito europeu (Dogman e O Contos de todos os Contos), fez uma adaptação melancólica e muito fiel ao livro original de Carlo Collodi, publicado em 1883. Se você espera assistir a uma doce animação no molde da Disney, de 1940, esqueça. Esta não é uma produção para crianças. Mesmo sendo do gênero Fantasia. Dirigido, roteirizado e coproduzido por Garrone a proposta é redescobrir o clássico. Nessa diretriz o filme italiano surpreende. Veramente.

Em formato live action o Pinocchio de Matteo Garrone retrata a dura realidade da Itália rural no século dezenove. A pobreza, a escassez de comida, o analfabetismo, a ganância, o medo, a corrupção e a exploração da mão-de-obra infantil. Todo esse cenário social (obscuro) está sublinhado

na construção da narrativa dos personagens numa combinação equilibrada entre o real e o imaginário. Ora bons, ora maus. A estética é elegante. Porém, excêntrica – de design gótico, e majoritariamente em cores frias, algumas vezes em nuances pastel. A direção de arte reverencia as técnicas do teatro de rua da Renascença e a iluminação do cinema antigo, dos irmãos Lumière.

É uma versão nostálgica, de ritmo lento, onde o ambiente camponês é enfatizado e a paisagem italiana exaltada, a cada cena. Roberto Benigni é o carpinteiro Geppetto. Um ponto alto na trama. Benigni nasceu em uma família de camponeses toscanos. Ele viveu a extrema pobreza. Então, que melhor ator para dar autenticidade e humanidade a este personagem? Dê uma olhada na foto oficial do filme. O nome dele aparece em destaque bem acima do título.

Já Federico Lelapi é o menino de madeira. É a primeira vez no cinema que Pinocchio é interpretado por uma criança (9 anos). Por sinal, o ator mirim faz um excelente Pinocchio. Na interpretação e entonação de voz. Ele usa próteses faciais assinadas por Mark Coulier (o mesmo da sequência Harry Potter). Em todo o filme os efeitos de computação gráfica são mínimos, porém sofisticados, o visual é deslumbrante, incluindo figurino e maquiagem. E a construção da estética dos personagens – contrasta com a cor vermelha das roupas de Pinocchio – respeitando ao máximo os desenhos de Enrico Mazzanti. O primeiro ilustrador de Collodi.

Nessa versão live action (onde humanos interagem com animais, objetos, ou seres fantásticos) o diretor nos apresenta criaturas (tal qual encontramos no livro) com as quais Pinocchio interage em seu percurso. Entre eles: o Grilo (não tão falante), a Lesma, o Corvo, os coelhos coveiros, o peixe Tuna e a Menina de cabelos azuis. É através dela que o travesso Pinocchio descobre: caso se comporte bem, seja obediente ao pai, ela o transformará em uma criança de verdade.

Mas a humanização do menino de madeira acontece de forma evolutiva. Aos poucos ele aprende que mentir (muito) – além de fazer o nariz crescer – tem sempre consequências.

Pinocchio é curioso e de espírito livre. Lá no fundo tudo o que o ele deseja é fugir do cenário sombrio da pobreza e aventurar-se por um horizonte colorido. Ele quer correr pelos campos atrás de borboletas, subir em árvores para ver os ninhos dos pássaros. Lembra do primeiro parágrafo? Pinocchio nasceu de um pinolo, um tronco de

Pinocchio del regista Matteo Garrone

Commento al film di Diana Galvão

C'era una volta un tronco d'albero. Un pezzo di legno trasformato in burattino da Geppetto. Un falegname solitario. Geppetto lo scolpì e lo vestì. E lo chiamò Pinocchio – una tipica parola italiana parlata in Toscana. Incantato dal burattino, capace di parlare e camminare, il buon signor Geppetto voleva amarlo e proteggerlo da tutti i pericoli della vita. Ma Pinocchio era curioso e malizioso. Disobbediente e ... bugiardo. Morale della favola: quello che Pinocchio apprende, dopo tante avventure (come si vede nello slogan del film), è: più grande è la menzogna, più oscura è la verità.

Matteo Garrone, premiato regista del circuito europeo (Dogman e Il racconto dei racconti), realizzò un malinconico e fedelissimo adattamento del libro originale di Carlo Collodi, pubblicato nel 1883. Se vi aspettate di vedere una dolce animazione tipo Disney, del 1940, lasciate perdere. Questa non è una produzione per bambini piccoli. Pur essendo del genere Fantasia. Diretto, sceneggiato e coprodotto da Garrone, la proposta è quella di riscoprire il classico. In questa linea guida il film italiano sorprende. Veramente.

In formato live action Pinocchio di Matteo Garrone ritrae la dura realtà dell'Italia rurale dell'Ottocento. Povertà, scarsità di cibo, analfabetismo, avidità, paura, corruzione e sfruttamento del lavoro minorile. Tutto questo (oscuro) scenario sociale è sottolineato nella costruzione della narrazione dei personaggi in un equilibrato connubio tra il reale e l'immaginario. Ora buono, ora cattivo. L'estetica è elegante. Tuttavia, eccentrica – di design gotico, e per lo più in colori freddi, a volte in sfumature pastello. La direzione artistica venera le tecniche del teatro rinascimentale di strada e l'illuminazione del cinema antico, dei fratelli Lumière.

È una versione nostalgica, dal ritmo lento, dove l'atmosfera contadina è enfatizzata e il paesaggio italiano esaltato in ogni scena. Roberto Benigni è il falegname Geppetto. Un punto culminante nella trama. Benigni nasce in una famiglia di contadini toscani. Viveva in estrema povertà. Quindi quale miglior attore per dare autenticità e umanità a questo personaggio? Dai un'occhiata alla foto ufficiale del film. Il suo nome è evidenziato proprio sopra il titolo.

Federico Lelapi, invece, è il ragazzo di legno. È la prima volta al cinema che Pinocchio è interpretato da un bambino (9 anni). A proposito, l'attore bambino fa un eccellente Pinocchio. Nell'interpretazione e nell'intonazione della voce. Indossa protesi facciali firmate da Mark Coulier (come nella serie di Harry Potter). Per tutto il film gli effetti CG sono minimi, ma sofisticati, le immagini sono sbalorditive, compresi i costumi e il trucco. E la costruzione dell'estetica dei personaggi – in contrasto con il colore rosso degli abiti di Pinocchio – rispetta, il più possibile, i disegni di Enrico Mazzanti. Il primo illustratore di Collodi.

In questa versione live action (dove gli umani interagiscono con animali, oggetti o esseri fantastici) il regista ci introduce alle creature (come abbiamo trovato nel libro) con cui Pinocchio interagisce nel suo percorso. Tra questi: il Grillo (poco loquace), la Lumaca, il Corvo, i conigli becchini, il Tonno e la Fata Turchina. È attraverso di lei che il malizioso Pinocchio scopre che: se si comporterà bene, se sarà obbediente al padre, lei lo trasformerà in un vero bambino. Ma l'umanizzazione del ragazzo di legno avviene in modo evolutivo. Impara gradualmente che mentire (tanto) – oltre a far crescere il naso – ha sempre delle conseguenze. Pinocchio è curioso e di spirito libero. In fondo, tutto ciò che vuole è sfuggire alla cupa scena della povertà e avventurarsi verso un orizzonte colorato. Vuole correre attraverso i campi inseguendo le farfalle, arrampicarsi sugli alberi per vedere i nidi degli uccelli. Ricordi il primo paragrafo? Pinocchio nasce da un tronco d'albero. Guarda bene il suo naso... è un ramo, dove posano gli uccellini.



arvore. Olhe bem para o nariz dele ...é um galho, onde pousam passarinhos.

As andanças aventurescas de Pinocchio começam quando ele foge da escola. Na obra-prima de Collodi a escola tem uma grande importância. O clássico infantil foi escrito numa época em que a Itália rural arruinada vivia mergulhada num analfabetismo profundo. Portanto, ter acesso a educação era uma das poucas chances de lutar pela vida, e obter um futuro melhor. Logo no início da trama, Geppetto troca as suas (únicas) vestimentas de inverno por uma cartilha escolar para o filho. É um momento-chave na história. Sintetiza o episódio maior da paternidade: educar. Para Matteo Garrone a fábula italiana é ao mesmo tempo universal e curiosamente soa como uma parábola do mundo atual. Um alerta para as crianças sobre os vícios e desafios da vida. A escola além de instruir, contribui com a construção de valores éticos e morais. Em como fazer boas escolhas e ser forte diante às tentações.

Quando Geppetto leva Pinocchio à escola, orienta o filho – Depois da aula, volte para casa. Mas o menino prefere assistir ao espetáculo de marionetes. Pinocchio ofuscado pelo anseio de conhecer novos cenários vende sua cartilha em troca do ingresso. Ele escolhe a diversão – mais sedutora que os estudos. Nesse enredo, de fugir da escola e ir para o teatro itinerante Pinocchio se perde de casa (e do pai) e embarca em uma jornada repleta de mistérios, más companhias e seres fantásticos. O que o levará a viver de perto situações adversas e aprender diversas lições.

No decorrer da trama, somos apresentados a seres malignos, também presentes na história original, que interagem com Pinocchio. Na visão crítica do diretor, a Raposa João Honesto e o Gato Gideão – de face animalesca em corpos humanos –, são alegorias da nossa sociedade. Representam a desonestidade e a malandragem, presentes nos tempos atuais como há séculos atrás. Si, o Juiz Gorilla – o arquétipo da corrupção.

Porém, teimoso, Pinocchio continua a caminhar pelos campos da Toscana aprontando mil e umas. E de teimosia em maior teimosia ele cruza o caminho do cruel Cocheiro. Ganancioso, o Cocheiro conduz as crianças para a Ilha dos Prazeres, as transforma em burros ...para vende-las ao melhor preço. Aqui o boneco de madeira “paga na pele” pela sua indisciplina. As escolhas que fazemos trazem sempre conseqüências. Lembra daquele parágrafo acima?

No entanto, o nosso pequeno tem proteção. A Menina de cabelos azuis salva Pinocchio da morte certa. Pinocchio é enforcado, queimado e afogado. Ufa! E após tantas perambulações ele reconhece os seus erros e descobre o que é realmente importante na vida.

Finalmente depois de viver muitas situações tenebrosas, ambos, Pinocchio e Geppetto (que foi à procura do seu bambino por terra e por mar) estão de volta ao vilarejo. A fadinha da fábula transforma Pinocchio em um menino de verdade. No bom coração há sempre espaço para a redenção.

E assim foi. O conto de Collodi, abraçado por Garrone, além da lição de obediência e bons princípios, alerta sobre os perigos do mundo (como dito no primeiro parágrafo, lembra?) e... celebra uma transformadora história de amor. O amor, não biológico, entre pai e filho. A maior aventura de Geppetto é a paternidade. E a maior aventura de Pinocchio: se tornar um menino humano!

Diante da abundância de adaptações cinematográficas contemporâneas Pinocchio de Matteo Garrone é sem comparações. O diretor, um dos maiores nomes do cinema italiano atual, dá um show no gênero Fantasia/Suspense. Peca em eventuais cenas aterrorizantes como o enforcamento (mesmo que para maiores de 10 anos), ainda que justificada – mostrar às crianças as conseqüências dos seus atos. E erra na escolha da língua inglesa para o mercado internacional (maior chance nos festivais e no eixo Hollywood). Esse é um filme grandioso no visual, pensado (antes do início da pandemia) para a tela grande. Eu gostaria de ter assistido Pinocchio no cinema. E como eu gostaria de ter ouvido a voz do menino boneco em italiano. Purtroppo.

Ainda sem previsão o novo longa da Disney Plus irá estreiar, com certeza, direto no streaming da empresa. Na tela da TV, do celular, ou computador, antes de ir aos cinemas. A live-action terá Tom Hanks, no papel de Geppetto, e direção de Robert Zemeckis.

Pinocchio de Matteo Garrone, um filme realmente fiel ao espírito do original, está disponível no Now/Net Claro.

Le peregrinazioni avventurose di Pinocchio iniziano quando scappa da scuola. Nel capolavoro di Collodi la scuola è di grande importanza. Il classico per bambini è stato scritto in un momento in cui l'Italia rurale in rovina era immersa in un profondo analfabetismo. Pertanto, avere accesso all'istruzione è stata una delle poche possibilità di lottare per la vita e di avere un futuro migliore. All'inizio della trama, Geppetto scambia i suoi (unici) vestiti invernali per una cartella di scuola per suo figlio. È un momento chiave della storia. Riassume il più grande dovere della paternità: educare. Per Matteo Garrone la favola italiana è insieme universale e suona curiosamente come una parabola del mondo di oggi. Un avviso ai bambini sulle dipendenze e le sfide della vita. La scuola, oltre a istruire, contribuisce alla costruzione dei valori etici e morali. Come fare buone scelte ed essere forti di fronte alle tentazioni.

Quando Geppetto porta Pinocchio a scuola, orienta suo figlio – Dopo la lezione, torna a casa –. Ma il ragazzo preferisce assistere allo spettacolo di marionette. Pinocchio, offuscato dalla voglia di scoprire nuovi scenari, vende la sua cartella in cambio di un biglietto. Sceglie il divertimento, più seducente degli studi. Con questa scelta, scappare da scuola e andare col teatro itinerante, Pinocchio perde la sua casa (e suo padre) e intraprende un viaggio pieno di misteri, cattive compagnie ed esseri fantastici. Il che lo porterà a vivere, da vicino, le situazioni avverse e ad apprendere diverse lezioni.

Nel corso della trama ci vengono presentati degli esseri malvagi, presenti anche nella storia originale, che interagiscono con Pinocchio. Nella visione critica del regista, la Volpe Giovanni Onesto e il Gatto Gideone – con volti di animali su corpi umani – sono allegorie della nostra società. Rappresentano la disonestà e l'inganno, presenti nei tempi attuali come lo erano, secoli fa. Così il giudice Gorilla – l'archetipo della corruzione.

Tuttavia, caparbio, Pinocchio continua a camminare per le campagne toscane, combinandone di tutti i colori. E di testardaggine in testardaggine incrocia il cammino del crudele Cocchiere. Avido, il Cocchiere porta i bambini all'Isola dei Piaceri, li trasforma in asini... per venderli al miglior prezzo. Qui il burattino di legno “paga sulla propria pelle” la sua indisciplina. Le scelte che facciamo hanno sempre delle conseguenze. Ricordate quel paragrafo, all'inizio?

Tuttavia, il nostro piccolo ha una protezione. La Fata Turchina salva Pinocchio da morte certa. Pinocchio viene impiccato, bruciato e annegato. Ufa! E dopo tante peregrinazioni riconosce i suoi errori e scopre cosa è veramente importante nella vita.

Finalmente, dopo aver vissuto molte situazioni terribili, sia Pinocchio che Geppetto (che è andato alla ricerca del suo bambino per terra e per mare) sono tornati al villaggio. La fata della favola trasforma Pinocchio in un bambino vero. Nel buon cuore c'è sempre spazio per la redenzione.

E così è stato. Il racconto di Collodi, abbracciato da Garrone, oltre alla lezione di obbedienza e di buoni principi, mette in guardia sui pericoli del mondo (come detto nel primo paragrafo, ricordate?) e ... celebra una storia d'amore trasformatrice. Amore, non biologico, tra padre e figlio. La più grande avventura di Geppetto è la paternità. E la più grande avventura di Pinocchio: diventare un ragazzo umano!

Data l'abbondanza di adattamenti cinematografici contemporanei, Pinocchio di Matteo Garrone non ha paragoni. Il regista, uno dei più grandi nomi del cinema italiano di oggi, propone uno spettacolo nel genere Fantasia/Suspense. Pecca in alcune scene terrificanti come l'impiccagione (anche se è destinato ai maggiori di 10 anni), malgrado sia giustificata, mostrando ai bambini le conseguenze dei loro atti. E ha sbagliato nella scelta della lingua inglese per il mercato internazionale (che offre maggiori possibilità nei festival e nell'asse di Hollywood). Questo è un film visivamente impressionante, progettato (prima dell'inizio della pandemia) per il grande schermo. Mi sarebbe piaciuto vedere Pinocchio al cinema. E come avrei voluto sentire la voce del bambino burattino in italiano. Purtroppo non è stato possibile.

Ancora nessuna previsione, il nuovo lungometraggio di Disney Plus debutterà, di sicuro, direttamente sullo streaming dell'azienda, sulla TV, sul cellulare o sullo schermo del computer, prima di andare al cinema. Il live-action sarà interpretato da Tom Hanks, nel ruolo di Geppetto, e diretto da Robert Zemeckis.

Pinocchio di Matteo Garrone, un film davvero fedele allo spirito dell'originale, è disponibile su Now/Net Claro.



A HISTÓRIA DA ARTE LA STORIA DELL'ARTE

Elena Squarci

Quem é Elena Squarci Chi è Elena Squarci



Elena é restauradora, e se dedica à Conservação e Restauro do Patrimônio Artístico e Cultural. Vive em Roma, Itália

É especializada em pigmentos medievais em suportes têxteis, de madeira e murais. Ela se especializou no uso da espectroscopia de infravermelho aplicada ao diagnóstico dos Bens Culturais (interpretação dos espectros dos materiais mais utilizados em pinturas antigas e em obras de arte em geral).

Ela se formou na Universidade La Sapienza, de Roma, com uma tese sobre História Medieval e História da Arte. Frequentou a Escola de Restauração do Ensino Superior do OPD - Florença - Fortezza da Basso. O Opificio delle Pietre Dure em Florença (também conhecido pela sigla OPD) é um Instituto Central do Ministério do Patrimônio Cultural italiano, com sede em Florença, cuja atividade operacional e de pesquisa é realizada no campo da restauração de obras de arte.

È una restauratrice, che si dedica alla Conservazione e al Restauro dei Beni Artistici e Culturali. Vive a Roma, Italia

È specializzata in pigmenti medievali su supporti tessili, lignei e murali. Si è perfezionata sull'uso della spettroscopia infrarossa applicata alla diagnostica dei Beni Culturali (interpretazione degli spettri dei materiali maggiormente utilizzati nei dipinti antichi e nelle opere d'arte in generale.)

Si è laureata presso l'Università della Sapienza, di Roma, con una tesi sulla Storia Medievale e sulla Storia dell'Arte. Ha frequentato la Scuola di Restauro di Alta Formazione dell'OPD - Firenze - Fortezza da Basso. L'Opificio delle Pietre Dure di Firenze (noto anche con la sigla OPD) è un Istituto Centrale del Ministero dei Beni Culturali con sede a Firenze, la cui attività operativa e di ricerca si esplica nel campo del restauro delle opere d'arte.

Antonio Canova

Paolina Borghese - Roma, Galleria Borghese



Antonio Canova

Paolina Borghese - Roma, Galleria Borghese

Paolina Buonaparte, irmã de Napoleão, nasceu em 20 de outubro de 1780, em Ajaccio.

Aqui ela é representada como a 'Vênus vencedora', na famosa escultura de Antonio Canova, executada entre 1804 e 1808, exposta na Galeria Borghese.

Paolina Buonaparte tornou-se Paolina Borghese em 1803, quando se casou com o príncipe romano, Camillo II Borghese, em seu segundo casamento. Ele encomendou a escultura de Canova por ocasião do primeiro aniversário de núpcias.

Quando começou a posar, Paolina estava no esplendor de seus 25 anos e no auge de sua ascensão social, graças também ao título de "Alteza Imperial" obtido no ano anterior, quando seu irmão, Napoleão, se autoproclama imperador, na Catedral de Notre-Dame.

Diz-se que antes de iniciar o trabalho, ao escolher o arquétipo clássico ao qual se referir, Canova sugeriu a Paolina duas possibilidades: ser representada como 'Vênus vencedora' ou como 'Diana a virgem caçadora' ... nesse ponto, Paolina caiu na gargalhada dizendo que se ele a retratasse como uma 'virgem' ninguém acreditaria!

Paolina Buonaparte, sorella di Napoleone, nasceva il 20 ottobre 1780 ad Ajaccio.

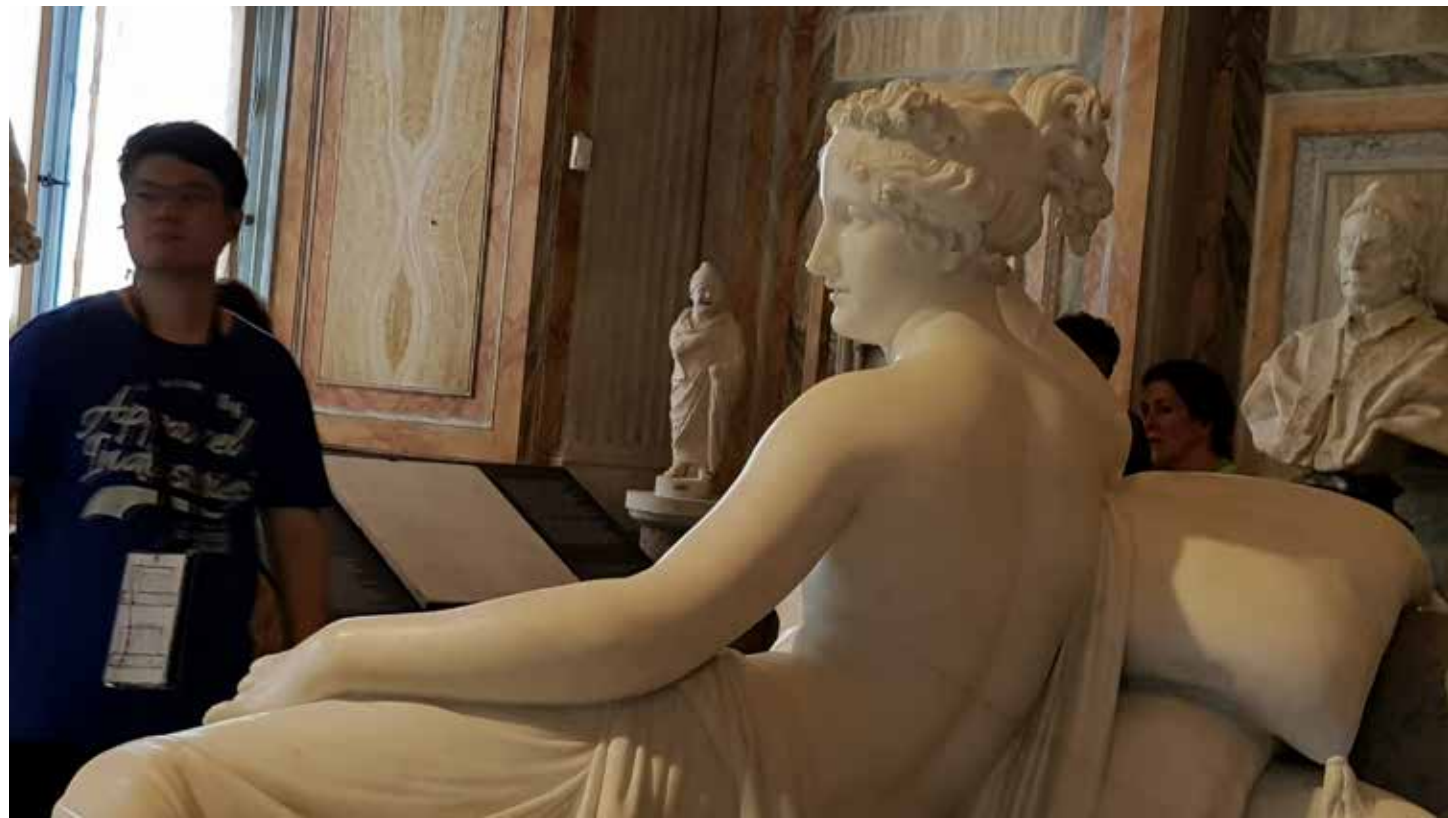
Qui è rappresentata come 'Venere vincitrice' nella celebre scultura di Antonio Canova, eseguita tra il 1804 e il 1808, esposta alla Galleria Borghese.

Paolina Bonaparte diventa Paolina Borghese nel 1803 quando sposa in seconde nozze il principe romano Camillo II Borghese, che proprio in occasione del primo anniversario commissiona a Canova la scultura.

Quando inizia a posare Paolina è nello splendore dei suoi venticinque anni e al vertice della sua scalata sociale, grazie anche al titolo di "Altezza Imperiale" assunto l'anno prima, quando suo fratello Napoleone si auto proclama Imperatore a Notre-Dame..

Si racconta che Canova prima di iniziare l'opera nel momento di scegliere l'archetipo classico a cui riferirsi aveva suggerito due possibilità a Paolina: essere rappresentata come 'Venere vincitrice' o come 'Diana vergine cacciatrice'...a quel punto Paolina scoppiò a ridere dicendo che se l'avesse ritratta come 'vergine' non ci avrebbe creduto nessuno

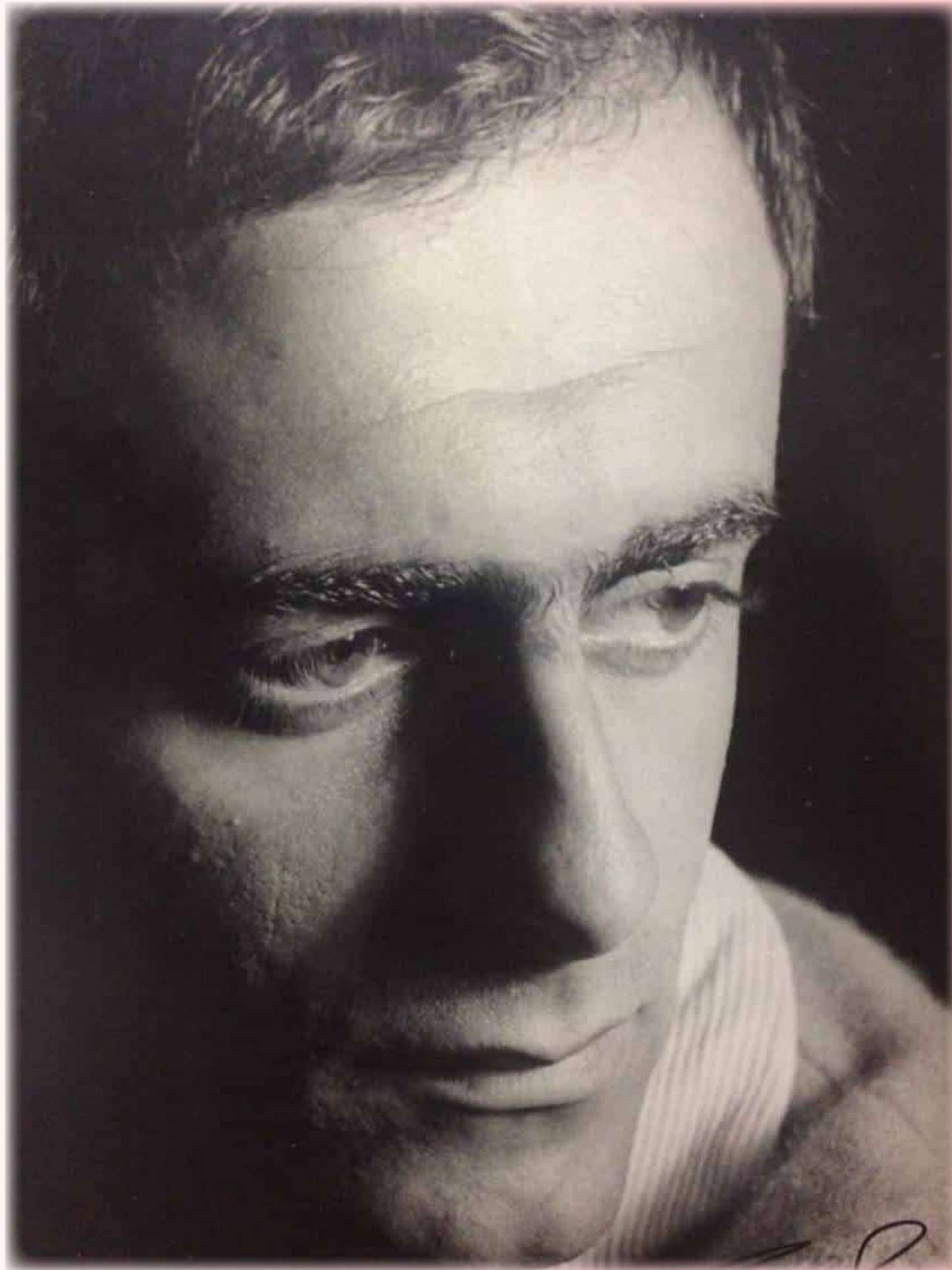






AS ARTES CÊNICAS

Simon Khoury



Quem é Simon Khoury

Chi è Simon Khoury

Escritor, jornalista, ator de cinema e teatro, já escreveu 36 livros de entrevistas com os principais personagens do teatro brasileiro. Iniciou sua carreira como jovem produtor musical, na Rádio Eldorado, rádio fundada por sua mãe, Anna Khoury, pioneira da rádio no Brasil. Como produtor musical, ele dirigiu várias estações de rádio nacionais, além de ter sido seu diretor artístico. Temporariamente, deixando a atividade de rádio, entregou-se ao teatro e ao cinema, depois de frequentar a escola de teatro de Dulcina de Moraes. Apesar do sucesso alcançado nessa atividade, sua atenção se voltou para os artistas que deram vida aos espetáculos, não apenas teatrais, mas também musicais. Assim, ele colecionou mais de seiscentos depoimentos desses artistas, que, em parte, se transformaram em livros de sucesso, um verdadeiro testemunho do teatro brasileiro. Irônico, mas ao mesmo tempo, sério e respeitoso, Simon consegue extrair o melhor de cada personagem entrevistado. Colocadas à vontade, as pessoas involuntariamente abrem seus corações e confessam como fariam com um pároco compreensivo. Essa é sua peculiaridade e a sua força.

Scrittore, giornalista, attore di cinema e di teatro, ha scritto 36 libri di interviste ai maggiori personaggi del teatro brasiliano. Ha iniziato la carriera da giovane come produttore musicale alla Radio Eldorado, radio fondata dalla madre, Anna Khoury, pioniera della radio in Brasile. Come produttore musicale, ha diretto diverse radio a livello nazionale, oltre ad esserne direttore artistico. Lasciata, temporaneamente, l'attività radiofonica, si è dato al teatro e al cinema, dopo aver frequentato la scuola di teatro di Dulcina de Moraes. Malgrado il successo ottenuto in questa attività, la sua attenzione si è rivolta agli artisti che davano vita agli spettacoli, non solo teatrali, ma, anche, musicali. Ha raccolto, così, più di seicento deposizioni di questi artisti, che, in parte, si sono tramutati in libri di successo, una vera e propria testimonianza sul teatro brasiliano.

Ironico, ma allo stesso tempo serio e rispettoso, Simon riesce ad estrarre da ogni personaggio intervistato, il meglio. Messe a proprio agio, le persone, senza volerlo, aprono i loro cuori e si confessano come farebbero con un parroco comprensivo. Questa la sua peculiarità e la sua forza.

Entrevista a Fernanda Montenegro

Desde sempre desejei escrever sobre Fernanda Montenegro. Quando a conheci, muito anos atrás, fiquei deslumbrado pela sua simpatia, que, acho, tornou-se recíproca quando descobrimos nossa comum origem, ambos por parte de mãe, da ilha da Sardenha. Mais que da atriz, sento-me atraído pela história da mulher Fernanda, da sua garra ao longo da carreira, com passagens através da história dos palcos de exibição do Brasil: rádio, teatro, televisão e cinema. Em todos estes, a sua presença foi marcante no papel de artista, mas, igualmente, no de fundadora e criadora de maneira de se apresentar. Por isso pedi ao jornalista Simon Khoury que me entregasse a sua entrevista com ela.

Aqui está a sétima parte da entrevista;

(Edoardo Pacelli)



S. Hoje, vivendo num apartamento de luxo na Zona Sul, deixou a sofisticada Vieira Souto, em frente ao mar e foi morar no Leblon, pertinho de sua filha Fernandinha, viajando pelo mundo, comendo do bom e do melhor, sendo observada por todos

os lugares onde passa, sente saudade da época das vacas magras?

F. Ah, Simon, suas perguntas... Um dia ainda hei de descobrir essa sua engenhosidade de tirar tudo de cada um de nós artistas. (Ri. Fica séria, saudosa.) Olha, em 1971, saímos de São Paulo para viver e trabalhar no Rio de Janeiro, numa época de grande crise, num país dividido e sendo regido por um regime militar. Com duas crianças a tiracolo: Cláudio, hoje diretor de cinema, com 53 anos e Fernandinha, atriz e escritora com 51, vivíamos uma barra pesada. Algumas peças proibidas, a censura nos perseguindo, brincando de gato e rato. Passamos alguns anos excursionando por alguns estados com babá, filhos, ganhando pouco, vivendo em espeluncas, pensões vagabundas. Em seguida, depois de termos que viajar semanalmente para o Rio para fazer O grande teatro Tupi ao vivo – não existia gravação – e formamos o Teatro dos Sete que, mesmo sendo sucesso, não dava para vivermos confortavelmente, valeu a pena. E sinto saudade dessa época, porque fazíamos arte pura, que era nosso mister e o fazíamos muito bem. Arrisco dizer que essa fase foi a melhor de toda nossa vida.

S. Diga uma imagem que te marcou nessa fase que tanto amou.

S. Oggi, vivendo in un appartamento di lusso nella Zona Sud, hai lasciato la sofisticata Vieira Souto, di fronte al mare ed sei andata a vivere a Leblon, vicino alla figlia Fernandinha, viaggiando per il mondo, mangiando il meglio del meglio, essendo ammirata ovunque tu vada, ti mancano i giorni magri?

F. Ah, Simon, le tue domande... Un giorno scoprirò ancora la tua abolitá nel prendere tutto da ognuno di noi artisti. (Ride. Ha un'aria seria, nostalgica.) Senti, nel 1971, abbiamo lasciato San Paolo per vivere e lavorare a Rio de Janeiro, in un momento di grande crisi, in un paese diviso e governato da un regime militare. Con due figli al seguito: Claudio, ora regista, con 53 anni e Fernandinha, attrice e scrittrice con 51, vivevamo in una atmosfera pesante. Alcune pezze proibite, la censura che ci perseguiva, il gioco del gatto e del topo. Abbiamo passato alcuni anni a girare alcuni stati con baby sitter; guadagnando poco, vivendo in pensioni vagabonde. Poi, dopo che dovevamo viaggiare settimanalmente a Rio, per fare Il grande teatro Tupi, dal vivo – non c'era registrazione – e abbiamo formato il Teatro dei Sette che, anche se ha avuto successo, non ci permetteva di vivere comodamente, ma ne è valsa la pena. E mi manca quel tempo, perché abbiamo fatto arte pura, che era il nostro lavoro e lo abbiamo fatto molto bene. Oserei dire che questa fase è stata la migliore di tutta la nostra vita.

S. Raccontaci un'immagine che ti ha segnato in quella fase che tanto amavi.

F. A casa, dopo cena, o in una camera d'albergo di seconda categoria, ad aprire borse, pacchi, dove si trovava il denaro raccolto dagli spettacoli. Fernando, Cláudio e Nandinha aiutavano a contare e eravamo tutti felici perché, il giorno dopo, ce ne sarebbe stato di più. (Una goccia di lacrime in ogni occhio.)

S. Per finire con la serie delle prime, il tuo premio

Intervista a Fernanda Montenegro

Ho sempre desiderato scrivere su Fernanda Montenegro. Quando la conobbi, tanti anni fa, rimasi folgorato dalla sua cordialità, che, credo, divenne reciproca quando scoprimmo la nostra comune origine, ambedue da parte materna, nate nella bella isola della Sardegna. Più che l'attrice, sono attratto dalla storia della donna Fernanda, dalla sua forza, lungo tutta la sua carriera, con passaggi attraverso la storia dei palchi di esibizione, in Brasile: radio, teatro, televisione e cinema. In tutti questi ambiti, la sua presenza è stata notevole nel ruolo di artista, ma, allo stesso modo, in quello di fondatrice e creatrice del modo di rappresentare. Così ho chiesto al giornalista Simon Khoury di concedermi la sua intervista con lei.

(Edoardo Pacelli)

Ecco la settima parte dell'intervista;

F. Em casa, depois do jantar, ou num quarto de hotel de segunda categoria, abrindo sacolas, embrulhos, onde estava o dinheiro arrecadado dos espetáculos. Fernando, Cláudio e Nandinha ajudando na contagem e todos alegres porque, no dia seguinte, ia ter mais. (Uma gotinha de lágrima em cada olho.)

S. Para terminarmos com a série dos primeiros, o seu prêmio de 1952, deve ter sido como revelação de atriz e quando foi que você ganhou o de melhor atriz?

F. Foi em 1957, quando estava no TBC e recebi o prêmio pela Associação de Críticos Teatrais, por minha atuação em Nossa vida com papai (Howard Lindsay e Russel Crouse)

S. Há alguma analogia em ser atriz e rádio-atriz?

F. Há sim. Antigamente eu não achava, mas hoje acho que há sim. Eu acho que tudo serve para exercitar a capacidade de expressão. Eu fui locutora, redatora e rádio-atriz e todas essas funções foram de muita valia. Veja, o Chico Anísio começou fazendo rádio, está entendendo? O Paulo Gracindo, idem. Elsa Gomes, Henriqueta Brieba também. O rádio foi muito importante para o meu desenvolvimento de atriz e, principalmente, o rádio que se fazia antes, que era muito específico. Era feito com muito cuidado. Era um rádio mais literário. Hoje, não acredito que o rádio ajude ninguém, a não ser na informação jornalística. Os nossos locutores só se preocupam em pronunciar bem o inglês. E as músicas que ouvimos são todas sem conteúdo, importadas. Só barulho, na grande maioria.

S. Quando foi que você começou a sentir, digamos assim, diferente?

F. Eu nunca me senti diferente. Eu sempre me senti a mesma, com todas as minhas contradições. Sempre trabalhei muito com a minha energia, só. A primeira grande introdução teatral leva vinte anos. Eu acho que foi mais uma coisa de energia do que propriamente de visualização racional do processo. O que se trabalhou,



del 1952, deve essere stato la tua rivelazione come attrice e hai vinto quello di migliore attrice?

F. Era il 1957, quando ero alla TBC (Teatro Brasileiro di Commedia) e ricevetti il premio dall'Associazione dei Critici teatrali, per la mia interpretazione in La nostra vita con papà (Howard Lindsay e Russel Crouse).



o que se batalhou – não digo somente eu, mas outras atrizes e atores da minha geração também -, o que se fez em teatro, cinema e televisão ao mesmo tempo. Você vai fazendo. Eu fui fazendo. Você está no esplendor da sua energia e juventude. Você é um touro, uma leoa, pondo para fora suas cargas, se exaurindo naquilo que tem de mais vivo, que é essa força da juventude, uma vontade de fazer. Num segundo movimento, numa outra etapa, aí então eu pude me situar, mas nunca tive tempo, assim de saída, de achar que estava me fixando na arte da atriz A ou se eu estava me apoiando na arte da atriz B, ou se procurava seguir os passos da atriz C. Agora, eu tenho uma tese que defendo e que é a seguinte: Eu acho que o ator não tem uma história acadêmica, tradicional. A história do teatro é contada através dos

S. C'è un'analogia tra l'essere un'attrice e un'attrice radiofonica?

F. C'è. In passato non la pensavo così, ma oggi penso di sì. Penso che tutto serva per esercitare la capacità di espressione. Ero un'annunciatrice, scrittrice e attrice radiofonica e tutte queste funzioni erano molto preziose. Senti, Chico Anísio ha iniziato facendo radio, capisci? Paulo Gracindo, idem. Elsa Gomes, anche Henriqueta Briebe. La radio è stata molto importante per il mio sviluppo come attrice e, soprattutto, la radio come si faceva una volta, che era molto specifica. Si faceva prestando molta attenzione. Era una radio più letteraria. Oggi non credo che la radio non aiuti nessuno, tranne che per l'informazione giornalistica. I nostri locutori si occupano solo di pronunciare bene l'inglese. E le canzoni che ascoltiamo sono tutte senza contenuto, importate. Solo rumore, la stragrande maggioranza.

S. Quando hai iniziato a sentirti, diciamo, diversa?

F. Non mi sono mai sentita diversa. Mi sono sempre sentito la stessa, con tutte le mie contraddizioni. Ho sempre lavorato molto solo con la mia energia. Penso che fosse più una questione energetica, che una visualizzazione razionale del processo. Su cosa si è lavorato, cosa si è combattuto – non solo io, ma anche altre attrici e attori della mia generazione –, cosa è stato fatto contemporaneamente in teatro, cinema e televisione. Lo fai. Lo stavo facendo. Sei nello splendore della tua energia e giovinezza. Sei un toro, una leonessa, che mostrando la tua carica, sfinendoti in ciò che è più vivo, che è questa forza della giovinezza, una voglia di fare. In un secondo movimento, in un'altra fase, poi sono riuscita a situarmi, ma non ho mai avuto il tempo, così, di pensare che mi stavo fissando sull'arte dell'attrice A o se mi stessi appoggiando all'arte dell'attrice B, o se stavo cercando di seguire le orme dell'attrice C. Ora, ho una tesi che difendo e questa è la seguente: penso che l'attore non abbia una storia accademica, tradizionale. La storia del teatro si racconta attraverso gli attori, ma che lo vogliano o no, concordano o no, il teatro appartiene all'attore ed esiste solo finché noi attori gli diamo la nostra vita, il nostro sangue. Abbiamo uno Shakespeare – un genio, senza dubbio – abbiamo un Molière, un Beckett e chiunque, ma senza gli attori, esistono solo come un pezzo di letteratura drammatica. Non sono teatro, nei libri. Per essere teatro, per trasformarsi da letteratura drammatica ad azione drammatica, hanno bisogno di uno strumento che è l'attore. Diventano tutti teatro nella figura dell'attore. Senza di noi, Sofocle, Ibsen, Miller, Feydeau sono papiri, opuscoli, pelli che rimangono conservati in una biblioteca

atores, mas queiram ou não, contestem ou não, o teatro pertence ao ator e ele só existe enquanto nós atores damos nossa vidas, nosso sangue a ele. Nós temos um Shakespeare – um gênio, não resta a menor dúvida – temos um Molière, um Beckett e seja lá quem for, mas, sem os atores, eles só existem como peça de literatura dramática. Eles nos livros não são teatro. Para serem teatro, para serem transmutados de literatura dramática para ação dramática, eles precisam de um instrumento que é o ator. Eles todos só passam a ser teatro na figura do ator. Sem nós, Sófocles, Ibsen, Miller, Feydeau são papiros, brochuras, couros que permanecem guardados numa biblioteca ou numa galeria.

S. Existe algo muito mais forte por detrás da vaidade, do egoísmo e do orgulho dos atores, não é?

F. Esse mistério, o teatro – que só existe na figura do ator – nunca é contado na figura do ator. Que é que isso significa? Significa que o ator é o marginal da marginalia. Para se credenciar a história do teatro, em primeiro lugar, se fala do autor. O autor é que tem prestígio. Depois se fala na direção e nas suas formas de pesquisa e nas suas pesquisas da forma. Você jamais encontrará, ao passar dos séculos, a história do teatro contada dignamente através dos atores. Ninguém sabe como foi, nunca foram guardados registros suficientes e por que? Porque o ator não pertence à posteridade. O ator pertence a contemporaneidade. Ele, o ator, tem a sua história contada geneticamente, celularmente: um ator que viu um ator, que viu um ator, Essa é a nossa grande história. Em direção ao passado como em direção ao futuro.

S. É cruel e verdadeiro o que você está afirmando, Fernanda!

F. O que é que vinga? O que é que faz a história do ator? Onde é que a genética teatral se faz? Se faz através da memória de alguém que viu um de nós representar, de outro que viu um de nós representar e mais aquele outro que viu um de nós representar e assim é. Quer nos séculos que se foram, quer nos séculos que virão ainda. Então eu acho que cada ator, queira ou não, recebeu um tipo de informação, um tipo de adestramento, de uma certa escola, de atores que ele viu, presenciou e, por sua vez, assistiram a outros atores e que também presenciaram outros atores e assim vai indo. Até esbarrar com os gregos, alguns séculos antes de Cristo. Então, Simon, eu nunca me senti assim diferente. Nós, atores, nos dignificamos e nos encontramos subliminarmente, subterraneamente...

S. Para mim, quem é obrigado a viver assim, é diferente.

F. Há profissões menos gratificantes!

o in una galleria.

S. C'è qualcosa di molto più forte dietro la vanità, l'egoismo e l'orgoglio degli attori, no?

F. Questo mistero, il teatro - che esiste solo nella figura dell'attore - non è mai raccontato nella figura dell'attore. Che cosa significa? Significa che l'attore è il marginale del marginale.

Per accreditare la storia del teatro, prima di tutto, parliamo dell'autore. È l'autore che ha prestigio. Poi si parla della direzione e delle sue forme di ricerca e della sua ricerca della forma. Non troverete mai, nei secoli, la storia del teatro raccontata con dignità dagli attori. Nessuno sa come sia andata, non sono mai stati tenuti registri a sufficienza e perché? Perché l'attore non appartiene ai posteri. L'attore appartiene alla contemporaneità. Lui, l'attore, ha la sua storia raccontata geneticamente: un attore che ha visto un attore, che ha visto un attore, questa è la nostra grande storia. Verso il passato come verso il futuro.

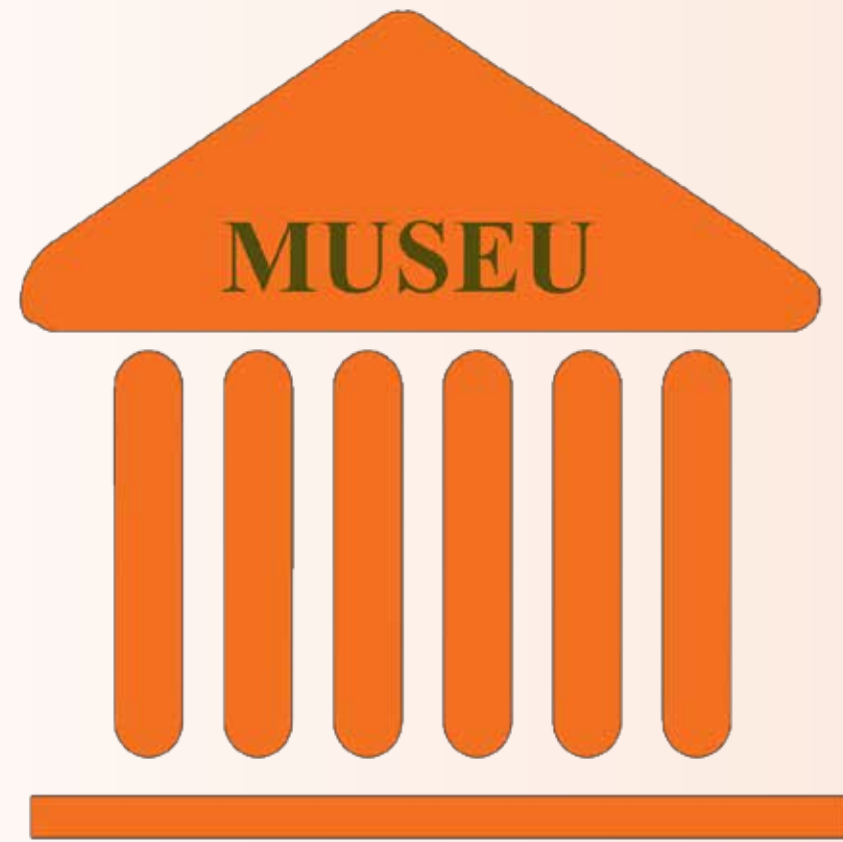
S. È crudele e vero quello che dici, Fernanda!

F. Cosa sta succedendo? Cosa fa la storia dell'attore? Dove si svolge la genetica teatrale? È fatto attraverso il ricordo di qualcuno che ha visto uno di noi rappresentare, un altro che ha visto uno di noi rappresentare e un altro che ha visto uno di noi rappresentare e così è. Sia nei secoli che sono passati, sia nei secoli che devono ancora venire. Quindi penso che ogni attore, che gli piaccia o no, ha ricevuto un tipo di informazione, un tipo di formazione, da una certa scuola, da attori che ha visto, assistito che, a sua volta, ha guardato altri attori e che hanno assistito anche altri attori e così via. Fino a quando non ha incontrato i Greci, pochi secoli prima di Cristo. Quindi, Simon, non mi sono mai sentito così diversa. Noi attori ci dignifichiamo e ci ritroviamo subliminali, sotterranei...

S. Per me, chiunque sia costretto a vivere così è diverso.

F. Ci sono professioni meno gratificanti!





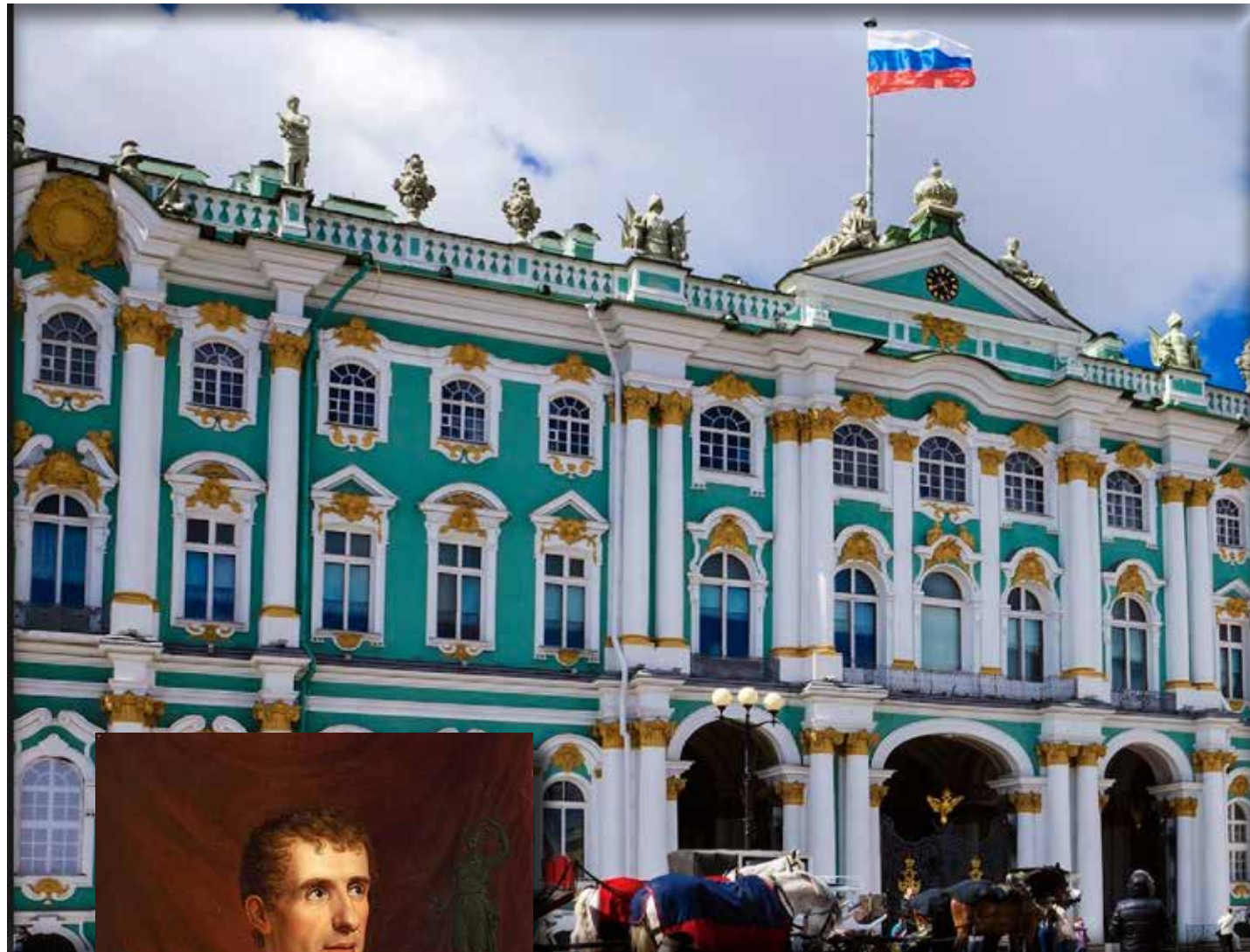
Museu Hermitage
Museo Ermitage

A ARTE NOS MUSEUS

CANOVA NA RÚSSIA

L'ARTE NEI MUSEI

CANOVA IN RUSSIA



Antonio Canova (Possagno, 1 de novembro de 1757 – Veneza, 13 de outubro de 1822) foi um desenhista, pintor, antiquário e arquiteto italiano, mas é mais lembrado como escultor, desenvolvendo uma carreira longa e produtiva.

Antonio Canova (Possagno, 1 de novembro de 1757 – Veneza, 13 de outubro de 1822) foi um desenhista, pintor, antiquário e arquiteto italiano, mas é mais lembrado como escultor, desenvolvendo uma carreira longa e produtiva.

A história do Museu Hermitage, em São Petersburgo, começou com uma pequena mas preciosa coleção doada por Catarina, a Grande, que incluía obras de artistas como Rafael, Ticiano, Rubens e Rembrandt.

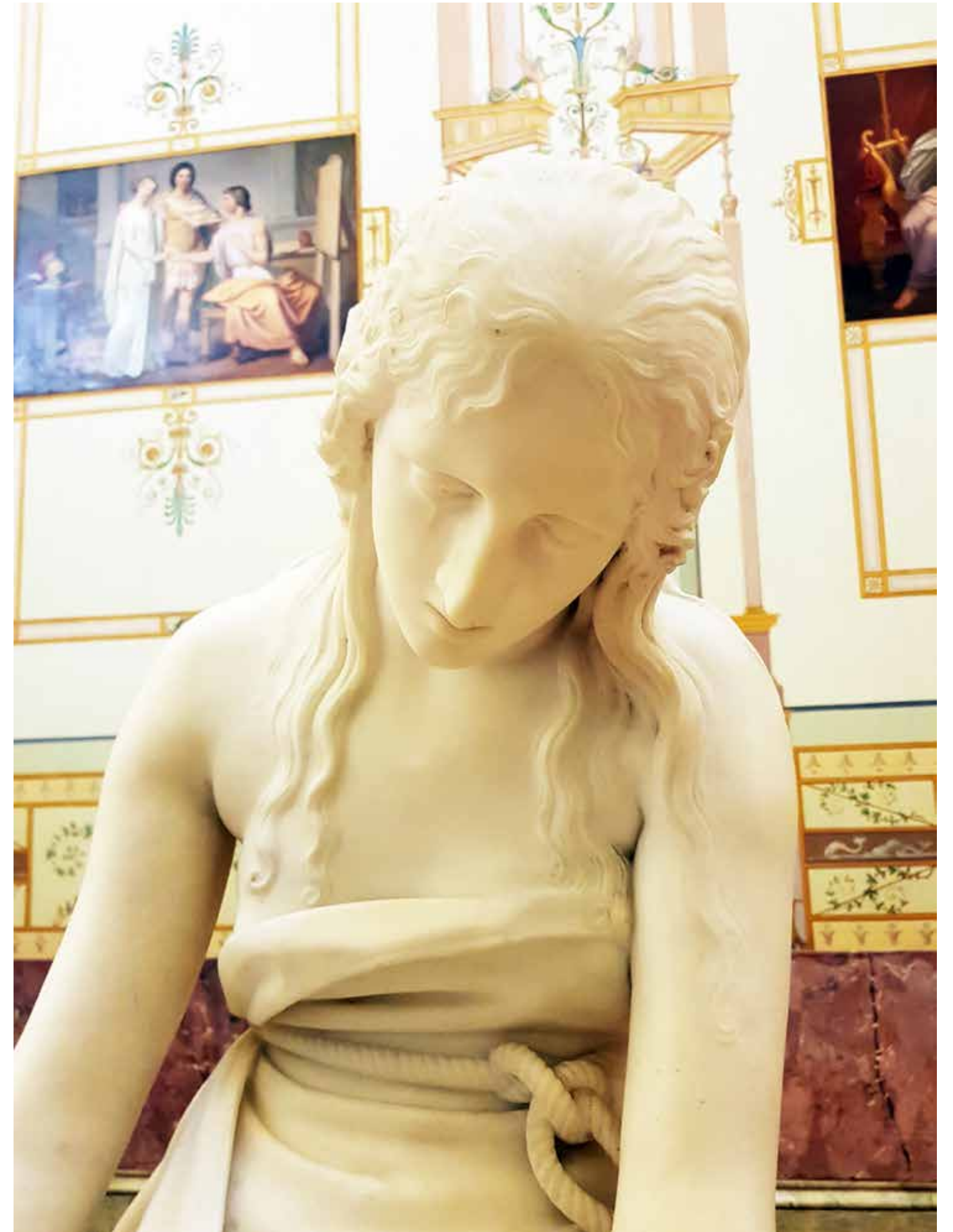
À medida que a coleção crescia, Caterina encomendou ao arquiteto italiano, Bartolomeo Rastrelli, a construção de um anexo ao Palácio de Inverno que abrigaria as obras mais valiosas da coleção. Este harmonioso edifício de estilo neoclássico, no entanto, com o tempo não teria sido suficiente para conter o crescente número de obras a serem expostas. Por este motivo, foi encomendada a construção da chamada Grande Ermida, um edifício de três pisos que, ao longo dos anos, sofreu várias obras de ampliação. Como o nome sugere, em latim eremita, era um lugar isolado onde ele gostava de se cercar das inúmeras obras de arte que comprava.

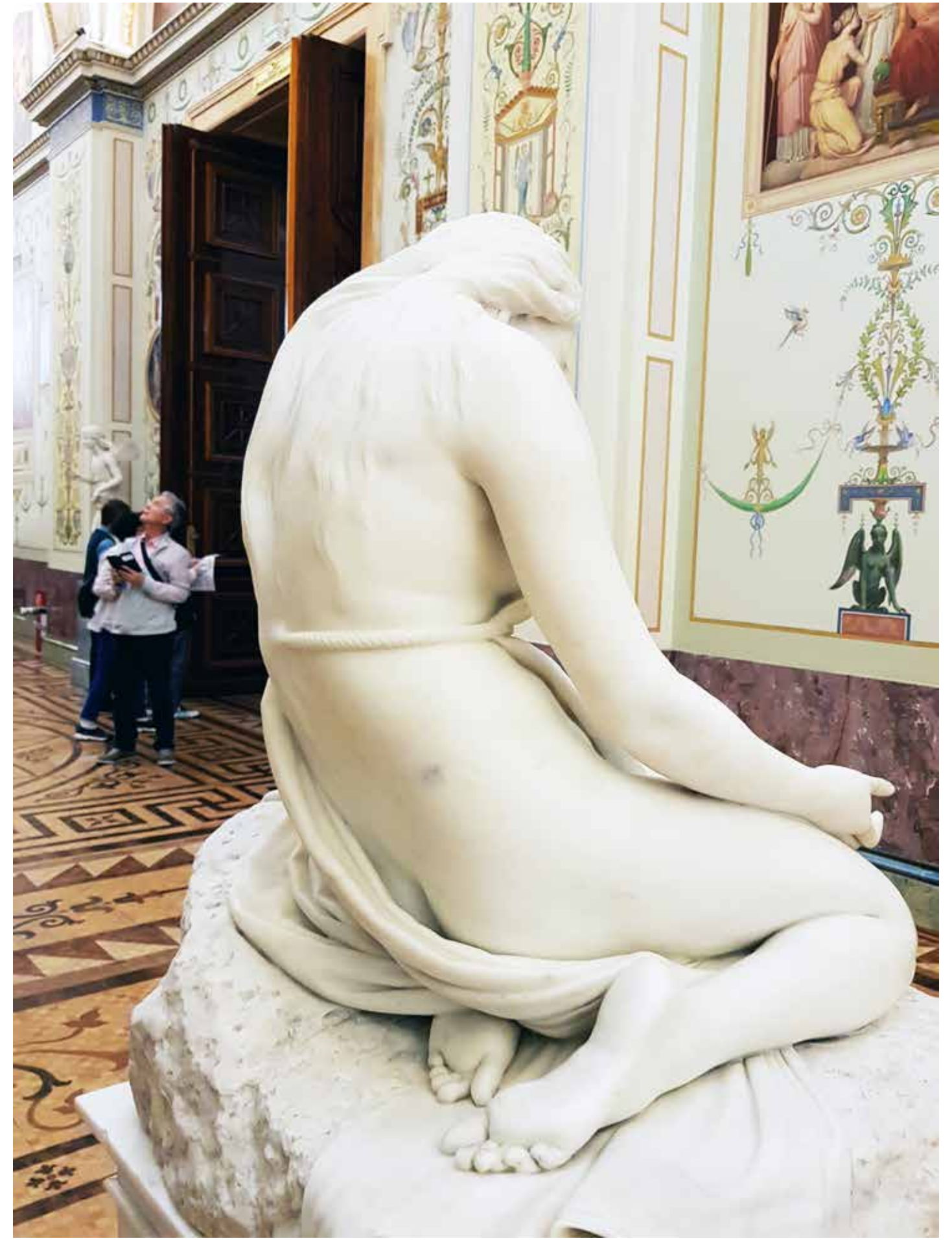
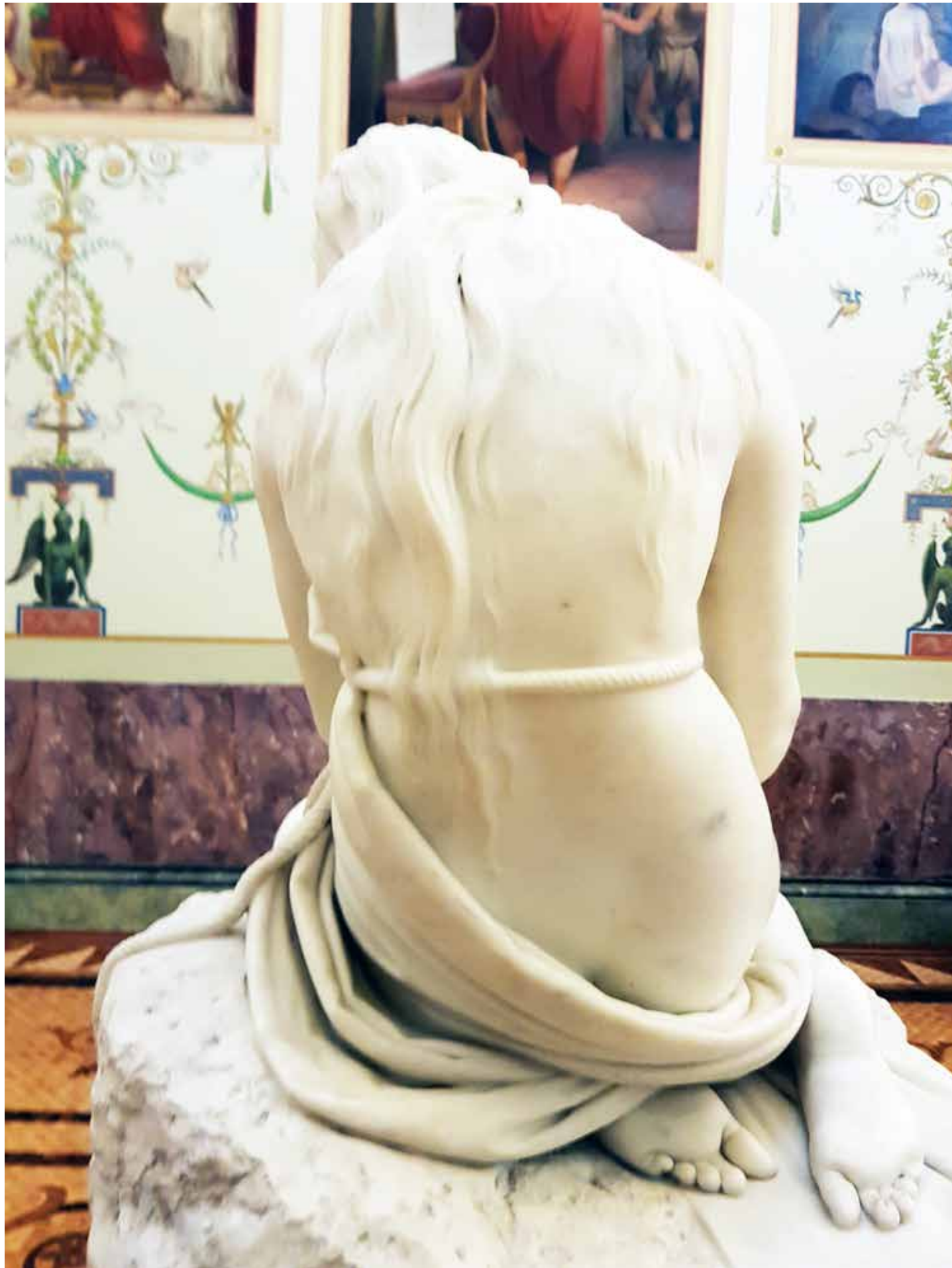
Entramos no museu para visitar uma obra de arte de Antonio Canova, chamada *A Madalena arrependida*

La storia del Museo dell'Ermitage di San Pietroburgo cominciò con una piccola ma preziosa collezione donata da Caterina la Grande, che includeva opere di artisti del calibro di Raffaello, Tiziano, Rubens e Rembrandt.

Man mano che la collezione cresceva, Caterina incaricò, all'architetto italiano, Bartolomeo Rastrelli, la costruzione di un edificio annesso al Palazzo d'Inverno che avrebbe ospitato le opere più pregiate della collezione. Questa armoniosa costruzione in stile neoclassico, però, col tempo non sarebbe bastata a contenere il crescente numero di opere da esporre. Per questo motivo, venne incaricata la costruzione del cosiddetto Gran Ermitage, un edificio di tre piani che, col passare degli anni, subì diversi lavori di ampliamento. Come suggerisce il nome (dal latino eremita), era un luogo appartato in cui amava circondarsi delle numerosissime opere d'arte che acquistò.

Entriamo nel museo per visitare una opera d'arte di Antonio Canova, La Maddalena pentita







ITALIAMICA

giugnoduemilaventuno